

A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?

Ernilo Stein

O abismo entre a ética da psicanálise e o discurso ético universal

José Zuberma

A ética atual não valoriza o fato de sustentar o desejo

Martine Lerude

A depressão é uma questão ética?

E mais:

>> **Gunter Axt:**
Flores da Cunha e a democracia liberal

>> **Sueli Dallari e Deisy Ventura:**
As pandemias e doenças infecciosas

A ética da psicanálise.

A ética da psicanálise é o tema discutido nesta edição da revista *IHU On-Line*, inspirada no Colóquio Internacional **A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?** [*ne cède pas sur ton désir*]?, que se realizará nesta semana, nos dias 14 e 15 de agosto, em Porto Alegre, numa iniciativa do Instituto Humanitas Unisinos - IHU conjuntamente com a Association Lacanienne Internationale - ALI e, entre outras, a Escola de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Trata-se da ética da psicanálise, e não da ética do psicanalista. Como adverte **Ernilo Stein**, professor e pesquisador da PUCRS, “a ética da psicanálise refere-se àquele sujeito que não deve ceder de seu desejo. Talvez o psicanalista, sabendo dessa outra ética que se liga ao desejo, e que por isso é associada ao inconsciente estruturado como linguagem, deva apenas reconhecer e, digamos, respeitar essa ética do outro sujeito”. “Em nossos dias, - afirma Ernilo Stein - como em qualquer época, o falar que vem da outra margem atravessa o abismo e nos surpreende na margem de cá. Como o desejo do outro se manifesta numa outra estrutura “linguageira”, que é a estrutura do inconsciente, ele é sempre novo, ele não passa, porque ele repete, “re-pede”, não cessa de ser sempre novo”.

Contribuem nesta discussão vários dos conferencistas e debatedores do Colóquio. Assim, além de **Ernilo Stein**, participam **Martine Lerude**, psicanalista, da Association Lacanienne Internationale - ALI, **Paul Valadier**, filósofo, do Centro Sèvres de Paris, **Aurélio Souza**, psiquiatra e psicanalista, membro fundador do Espaço Moebius, em Salvador, Bahia, **José Zuberma**n, psicanalista argentino e **Maria Marta Heinz**, da Escola de Estudos Psicanalíticos (EEP). Esta edição, que prepara a realização do Colóquio Internacional **Ética da Psicanálise**, pode ser lida conjuntamente com a edição da *IHU On-Line* número 298, de 22-06-2009, cujo tema de capa é *Desejo e violência*, igualmente com a contribuição de vários conferencistas do evento.

Nesta quinta-feira, no evento que prepara o **X Simpósio Internacional Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades**, Paul Valadier, internacionalmente renomado especialista em Nietzsche, proferirá a conferência *Narrar Deus no horizonte do niilismo*. Sobre o tema ele concede uma entrevista publicada nesta edição.

Por ocasião dos cinquenta anos da morte de Flores da Cunha, o professor e pesquisador **Gunter Axt** fala da trajetória e importância deste político gaúcho e brasileiro.

Completam a edição as entrevistas com **Carlos Caldas**, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, sobre a relação entre Teologia e Literatura e com **Sueli Dallari** e **Deisy Ventura**, sobre as pandemias que assolam as sociedades contemporâneas.

Na edição desta semana, inauguramos o espaço do Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia e Sociedade - CEPOS, da Unisinos, que publicará uma coluna semanal.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 06 | **Ernilo Stein:** O abismo entre a ética da psicanálise e o discurso ético universal

PÁGINA 09 | **Martine Lerude:** A depressão é uma questão ética?

PÁGINA 11 | **Paul Valadier:** O desejo e a espontaneidade capciosa

PÁGINA 14 | **Aurélio Souza:** E a lei continua: o desejo inconsciente como voto intransitivo

PÁGINA 19 | **José Zuberma:** “A ética atual não valoriza o fato de sustentar o desejo”

PÁGINA 22 | **Maria Marta Heinz:** Não ceder de nosso desejo: responsabilidades do dizer e do fazer

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 25 | **Gunter Axt:** Flores da Cunha: um compromisso com a democracia liberal

» Brasil em Foco

PÁGINA 30 | **Sueli Dallari:** Pandemias serão frequentes no mundo globalizado

PÁGINA 32 | **Deisy Ventura:** Doenças infecciosas: a primeira urgência internacional

» Teologia Pública

PÁGINA 35 | **Carlos Caldas:** Equilíbrio entre expressões ingênuas e ousadas

» Coluna Cepos

PÁGINA 38 | **Valério Cruz Brittos:** Debate midiático, Economia Política da Comunicação e Sociedade

» Destaques On-Line

PÁGINA 41 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» Eventos

PÁGINA 44 | **Paul Valadier:** Narrar Deus no horizonte do niilismo: a reviviscência do divino

» IHU Repórter

PÁGINA 46 | **Mario Fleig**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

A.

Tema de Capa

O abismo entre a ética da psicanálise e o discurso ético universal

Ética universal e ética da psicanálise são inconciliáveis, afirma o filósofo Ernildo Stein. Além disso, a ética da psicanálise não é a mesma ética do psicanalista. Não cedas do teu desejo é convite para “reconhecer as duas margens de um abismo atravessado pela fala”

POR MÁRCIA JUNGES

“**E**m nossos dias, como em qualquer época, o falar que vem da outra margem atravessa o abismo e nos surpreende na margem de cá”. A afirmação é do filósofo Ernildo Stein, na entrevista, exclusiva, que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Para ele, a ética da psicanálise e a universalidade do discurso ético não são conciliáveis. “A ética da psicanálise não é a ética do psicanalista. Ele que se avenha com os problemas que lhe causa seu ofício. A ética da psicanálise refere-se àquele sujeito que não deve ceder de seu desejo”. E complementa: “O outro sujeito não deve ceder daquilo que aparece na estrutura de sua linguagem, que se constitui do desejo”.

Stein é graduado em Filosofia e Direito, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Curvou doutorado na mesma universidade, em Filosofia e pós-doutorado na Universität Erlangen-Nürnberg. Atualmente, é docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e membro do corpo editorial das publicações *Reflexão*, *Problemata*, *Natureza Humana* e *Ágora*. Publicou dezenas de livros, entre eles *Seminário sobre a verdade: lições introdutórias para a leitura do parágrafo 44 de Ser e Tempo* (Petrópolis: Vozes, 1993); *A caminho de uma fundamentação pós-metafísica* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997); *Diferença e metafísica* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000); *Compreensão e finitude* (Ijuí: Unijuí, 2001); *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002); *Mundo Vivido: Das vicissitudes e dos usos de um conceito da fenomenologia* (Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004) e *Seis estudos sobre Ser e Tempo* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que Lacan quer dizer exatamente com “não cedas de teu desejo”?

Ernildo Stein- Na conferência *Lugar, origem e fim do meu ensino*, Lacan¹ afirma: “Se é no campo do Outro que se constitui o desejo, se ‘o desejo do homem é o desejo do Outro’, pode fazer-se necessário que seu desejo, o do homem, seja o seu próprio”.

Se a frase que aparece na pergunta se referir a esse campo do Outro, então, ceder de seu desejo seria aban-

donar esse campo e perder o que é próprio. O difícil é definir o que significa que o desejo seja próprio, pois, na medida em que o sujeito em Lacan é sempre um sujeito cindido, não sabemos a que lado da “divisão do sujeito” (Lacan) se refere esta espécie de comando. Essa é justamente a questão na qual se funda a própria idéia da psicanálise. “Digo que o sujeito, ao mesmo tempo em que é o sujeito, funciona como dividido. Aí reside, inclusive, todo o alcance do que instauro. Devo dizer-lhe que esta divisão do sujeito eu a consagro, denuncio, demonstro por outras vias que não esta, reduzida, de que me sirvo aqui, e que, aliás, não dá conta absolutamente da divisão em si. Eu precisaria ter feito algo cuja

referência me proibi taxativamente de trazer esta noite, porque não se deve pensar que falei daquilo que, se me permitem, eu chamaria, para ir mais rápido, não apenas meu ensino, mas minha doutrina, e do que daí resultasse” (Lacan).

Depois dessa afirmação, Lacan acrescenta: “nessa divisão há um elemento causal que é o que chamo de objeto pequeno *a*. (...) Isso tem uma relação mais estreita com a estrutura do desejo” (Lacan). E o autor continua mais adiante: “Então, para dizer que esse sujeito era dividido, simplesmente indiquei suas duas posições em relação à função da linguagem. Nosso sujeito como tal é, o sujeito que fala, se quiser, pode muito bem reivindicar

¹ Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Lacan fez uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas este é apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. (Nota da IHU On-Line)

a primazia, mas nunca será possível considerá-lo pura e simplesmente livre iniciador de seu discurso, na medida em que, sendo dividido, está ligado a esse outro sujeito, que é o do inconsciente, e que se verifica ser dependente de uma outra estrutura linguageira. A descoberta do inconsciente é isso”.

Nisso que escutamos está resumida a questão implícita no comando “não cedas do teu desejo”. Poderia muito bem falar o primeiro sujeito e reivindicar a primazia. Entretanto, como ele está ligado a outro sujeito, o do inconsciente, ele está dependente da estrutura desse sujeito que se estrutura como linguagem. É a esse sujeito que se dirige o comando da frase acima. É ele que não deve ceder de seu desejo. A frase, portanto, quer dizer que o outro sujeito não deve ceder daquilo que aparece na estrutura de sua linguagem, que se constitui do desejo.

IHU On-Line - Por que esse enigma norteia o nome do *Colóquio A Ética da Psicanálise*? Qual é o objetivo dos debates que se seguirão?

Ernilo Stein- A ética da psicanálise não é a ética do psicanalista. Ele que se avenha com os problemas que lhe causa seu ofício. A ética da psicanálise refere-se àquele sujeito que não deve ceder de seu desejo. Talvez o psicanalista, sabendo dessa outra ética que se liga ao desejo, e que por isso é associada ao inconsciente estruturado como linguagem, deva apenas reconhecer e, digamos, respeitar essa ética do outro sujeito. Tem, portanto, importância saber que o psicanalista não desaparece do cotidiano de uma ética que não é a ética do desejo. O analista, portanto, se confronta com duas éticas.

IHU On-Line - Em que sentido esse é um enunciado bifronte?

Ernilo Stein- “Não cedas de teu desejo” ainda que se dirija a outro sujeito - aquele do desejo, como movimento do inconsciente, sempre está em luta com o primeiro sujeito, aquele que “pode muito bem reivindicar a primazia”, mas nunca é livre iniciador de seu discurso, porque está ligado ao outro sujeito. Disso nasce a condição

ambivalente do enunciado. Como nele se esconde “o quando falas” desde o lugar do inconsciente, é aí que está a iniciativa que o primeiro discurso quer desconhecer.

IHU On-Line - Como o desejo se expressa na fala de nós, pós-modernos?

Ernilo Stein- O desejo que atravessa o outro sujeito estará sempre na fala do homem, pois o inconsciente não tem tempo. Quando o desejo fala, podem mudar as condições em que o primeiro sujeito fala - como o antigo, o moderno, o pós-moderno. O desejo, no entanto, movimenta-se sempre no presente, no atual, no seu tempo. Ele não se transforma naquilo que é o seu comando. Ele é sempre do outro su-

**“O desejo que atravessa
o outro sujeito estará
sempre na fala do
homem, pois o
inconsciente não
tem tempo”**

jeito, sempre atual. Suas modulações não seguem a conjugação de qualquer verbo.

IHU On-Line - Conseguimos, efetivamente, “falar” em nossos dias? Por quê? E em que aspectos nossa fala é um sintoma do tipo de sociedade em que vivemos?

Ernilo Stein- Em nossos dias, como em qualquer época, o falar que vem da outra margem atravessa o abismo e nos surpreende na margem de cá. Como o desejo do outro se manifesta numa outra estrutura “linguageira”, que é a estrutura do inconsciente, ele é sempre novo, ele não passa, porque ele repete, “re-pede”, não cessa de ser sempre novo. Portanto, “falar” é sempre em nossos dias. E ele não tem motivo, porque nele retorna o recalcado, pelo qual somos sempre visitados no sintoma. Portanto, o falar que

vem da outra margem não se amarra a nenhum tipo de sociedade. Ele nunca é sintoma de. É apenas sintoma. Nós inventamos coisas como o sintoma social, ou o sintoma de uma sociedade em que vivemos. Entretanto, o movimento, na linguagem do comando do desejo, é apenas e sempre a repetição - um “re-pedir”, pedir de novo que não cessa.

IHU On-Line - Atualmente, como é possível sustentar essa nossa fala, e não abrimos mão de nosso desejo?

Ernilo Stein- Eu deveria ter dito em algum momento que nós nunca cedemos de nosso desejo, aliás, a iniciativa é sempre dele. Não falaríamos se ele não tomasse a iniciativa, porque somente falamos quando fala o desejo da outra margem, o desejo do outro. Somos divididos por um acontecimento que nunca será recuperado em sua plenitude. Sempre estaremos em falta, e por isso falamos e o desejo fala, para que possamos falar. E agora.

IHU On-Line - No cenário pós-moderno, como podemos compreender a responsabilidade do sujeito ante sua fala, e a falta de sustentação que muitas vezes se configura no discurso?

Ernilo Stein- Lacan nos disse acima algumas coisas sobre um sujeito cindido, sobre dois sujeitos. Portanto, o sujeito não tem responsabilidade neutra dentro de algo, nem da fala. Ele sempre deve ser flagrado desde o lado de onde se fala. A psicanálise deveria aprender ela mesma que pode ser vítima de muitas armadilhas, inclusive aquela de mudar a sociedade. A sociedade será mudada, ou não, quando o sujeito cindido sai do “duplo monólogo” (Lacan) e não cede de seu desejo, o que quer dizer, que reconheça o enunciado de um comando. O desejo que, desde a outra margem, toma a iniciativa, como iniciador de um discurso que fala pelo retorno do recalcado no sintoma, escutado pelo “sujeito - suposto-saber”. Portanto, temos de reconhecer que muitas vezes o outro sujeito, que é o do inconsciente, pode ser passado por alto no discurso do primeiro sujeito que se pensa livre iniciador. Talvez aí tivéssemos uma

“É inegável que no enunciado ‘não cedas de teu desejo’, este que nasce na outra margem remete ao desejo que vem do Outro, do sujeito que tem a iniciativa e, por isso, esconde o enunciado de um comando”

falta de sustentação do discurso desse sujeito que fala, reivindicando uma primazia que é usurpada. Teríamos assim um discurso que não concorda com aquilo que Lacan cita de Heidegger²: “O homem habita a linguagem”. E Lacan continua: “Isso quer dizer que a linguagem está aí antes do homem, o que é evidente. Não apenas o homem nasce na linguagem exatamente como nasce no mundo, como também nasce pela linguagem”.

IHU On-Line - Como é possível conciliar a subjetividade da psicanálise com a universalidade de um discurso ético?

Ernilo Stein- Todo o desenvolvimento de minhas respostas mostra o caráter inconciliável entre a ética da psicanálise, isto é, a fala do outro sujeito, com qualquer universalidade de discurso ético, no qual se movimenta qualquer ser humano, mesmo o psicanalista. “Não cedas de teu desejo” nos convida, portanto, a reconhecer

² Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158268163.69pdf.pdf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344730.57pdf.pdf>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344314.18pdf.pdf>. Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1175210604.13pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

as duas margens de um abismo atravessado pela fala.

É inegável que no enunciado “não cedas de teu desejo”, este que nasce na outra margem remete ao desejo que vem do Outro, do sujeito que tem a iniciativa e, por isso, esconde o enunciado de um comando. Não se pode confundir esse comando com uma vontade geral, ou com um imperativo, que estaria ligado a um discurso ético. Ainda que não possamos falar de uma subjetividade da psicanálise, o não ceder quando fala o desejo nasce da singularidade, portanto, de algo que está situado além de minha vontade. Esta recebe o enunciado de um comando, enquanto a ética (de *ethos*, com *eta*, e não de *ethos* com *epsilon*) daquele que fala se refere ao lugar em que algo caiu e retorna, onde se situa morada do desejo. Não precisamos insistir que o desejo sempre fala, mesmo quando não é escutado. Por isso falo que o “não cedas” e o “de teu desejo” se separam pelo abismo da fala. A metáfora que exprime isso pode ser encontrada na seguinte afirmação: “São vizinhos, mas habitam em montanhas separadas”.

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Ernilo Stein ao IHU

- *A superação da metafísica e o fim das verdades eternas*. IHU On-Line número 185, de 19-06-2006, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158344730.57pdf.pdf>
- *Depois de Hegel: “o mais original diálogo entre Filosofia analítica e dialética”*. IHU On-Line número 261, de 08-06-2008, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=etalhe&id=1095

CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE NO
ENDEREÇO WWW.IHU.UNISINOS.BR

A depressão é uma questão ética?

Exortação de gozar a qualquer preço, existente em larga escala atualmente, faz com que o sujeito em deficiência a essa prescrição se sinta doente, fora do padrão, deprimido, pontua Martine Lerude. O neoliberalismo oferece subterfúgios para resolver a contradição entre o ideal saído do protestantismo e a ideologia da vitimologia

POR MÁRCIA JUNGES

“**A** depressão levanta a questão da relação do desejo ao gozo numa sociedade que exalta os prazeres imediatos, destruindo ao mesmo tempo a dinâmica e a singularidade do desejo”, explica a psicanalista francesa Martine Lerude à **IHU On-Line**, na entrevista concedida por e-mail. Evocando ideias de seu conterrâneo Charles Melman, Lerude menciona a palavra de ordem atual de “desfrutar a todo preço”: “quem fica em deficiência em relação a esta prescrição pode experimentar-se como doente, como excluído de uma fruição generalizada”. Questionada sobre uma possível relação entre a proliferação da depressão e o discurso neoliberal, ela teoriza: “o ideal, saído do protestantismo, de um indivíduo responsável por seus atos, por sua existência, encontra-se em concorrência com a ideologia da vitimologia, do direito das vítimas que reina soberano sobre a sociedade europeia. Incitado pelo discurso social a se reconhecer como vítima, o indivíduo também deve obedecer às prescrições de bem-estar, de expansão e de gozo (...). O neoliberalismo produz objetos que vão resolver esta contradição: objetos interditos como as diferentes drogas, objetos permitidos e legais: os medicamentos”.

Psicanalista e psiquiatra membro da Association Lacanienne Internationale (ALI), Martine Lerude é uma das conferencistas de abertura do Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?. Sua palestra intitula-se A depressão é uma questão ética? Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que a depressão é considerada uma doença contemporânea?

Martine Lerude - Freud,¹ num texto

1 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista e fundador da Psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudava pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da Psicanálise. Freud, além de ter sido um grande cientista e escritor, realizou, assim como Darwin e Copérnico, uma revolução no âmbito humano: a idéia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam muito debatidos hoje. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível para consulta no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158345628.45pdf.pdf>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1165256946.3pdf.pdf>. A edição

de 1908, intitulado *A moral sexual civilizada e a doença nervosa dos tempos modernos*, já discutia algumas consequências da moral de seu tempo (caracterizadas pelos sacrifícios sexuais - com sua exigência da monogamia, por exemplo - que são impostos aos indivíduos pela civilização) sobre o que ele chamava a “doença nervosa moderna”. Ele citava, então, longamente um psiquiatra americano de nome Binswanger,² que, desde 1895, descrevia o que se chamava então “a neurastenia” como uma doença produzida pela rica sociedade dos Estados Unidos. Mas, para Freud, e é toda a sua demonstração, o fator sexual é essen-

16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível para download em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009791.53pdf.pdf>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Ludwig Binswanger (1881-1966): filósofo suíço considerado o fundador da psicologia existencial. (Nota da **IHU On-Line**)

cial. Este termo de “neurastenia”, hoje em desuso, ainda era usado na França há 50 anos, para qualificar a depressão neurótica. Hoje a palavra “depressão” se tornou uma espécie de “significante válido para tudo”, da qual cada um se apropriou para dar conta, de maneira cômoda, de situações extremamente diversas que têm todas em comum um “mal-estar”, esse afeto de tristeza e de um cinzento permanente ligado a uma perda de desejo. Se vivemos numa sociedade, na qual, como diz C. Melman,³

3 Charles Melman: psicanalista francês, aluno de Lacan. É membro fundador da Association Freudienne Internationale e diretor de ensino na antiga École Freudienne de Paris. Escreveu dezenas de livros. De 17 a 19-05-2007, esteve na Unisinos proferindo o ciclo de conferências Como alguém se torna paranóico? De Schereber a nossos dias, numa promoção do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Foi o conferencista de abertura do Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos, em 21-05-2007, quando falou sobre **O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos?**

a palavra de ordem é “desfrutar a todo preço”, quem fica em deficiência em relação a esta prescrição pode experimentar-se como doente, como excluído de uma fruição generalizada. Isso, porém, não é tudo, pois a clínica nos mostra que, paradoxalmente, não basta responder a esta prescrição de desfrutar de múltiplos objetos oferecidos ao nosso consumo para não estar deprimido. A depressão levanta a questão da relação do desejo ao gozo numa sociedade que exalta os prazeres imediatos, destroçando ao mesmo tempo a dinâmica e a singularidade do desejo. A perda das grandes ideologias, a relação ao grande Outro completamente modificada pelas tecnologias, o discurso dominante (que seria necessário precisar) são outras tantas pistas a explorar, já que a subjetividade humana é indissociável da coletividade da cultura na qual ela se enraíza.

IHU On-Line - Quais são os elementos que a tornam tão corrente entre nós?

Martine Lerude - Em primeiro lugar, contrariamente à psicose, ou à esquizofrenia, a depressão não é uma doença vergonhosa: pode-se falar dela livremente, pois qualquer um entre nós está potencialmente ameaçado por ela. Com efeito, todas as perdas que a vida ocasiona podem legitimamente ocasionar afetos depressivos; ninguém está ao abrigo de um luto, de um divórcio, de uma separação, da perda de seu emprego, de um fracasso doloroso ou de uma doença grave... A depressão se inscreve, assim, legitimamente no fluxo de uma existência. Entretanto, “a depressão” é também uma palavra que pode ser utilizada para dar conta de episódios patológicos dos quais o paciente não quer ou não pode falar. Acontece, por exemplo, com frequência que pacientes que tiveram um momento delirante, falem dele dizendo “eu tive uma depressão”. Talvez ela seja hoje a maneira de expressar o que falha, o que vem causar obstáculo na existência, sem que o indivíduo tenha podido formulá-la de outra maneira.

Desafios e perspectivas. Confira nas **Notícias do Dia** do site do IHU, em 29-08-2008 a notícia **Para ser cidadão, é preciso simplesmente consumir**, disponível para download em http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=16366. (Nota da IHU On-Line)

ra. Em geral, desde que um paciente, vindo motivado por “depressão”, comece uma análise, não se pode mais classificar suas dificuldades sob este único título.

A depressão também tem seus títulos de nobreza: ela remete ao pecado de acedia e principalmente a esses gênios criadores devorados pelo sofrimento, e “a melancolia” de Dürer⁴ é disso uma representação que não carece de grandeza. Embora a depressão também se defina por uma desvalorização, uma perda da autoestima, ela, paradoxalmente, é bem recebida na sociedade, porque ela não põe em causa a inteligência ou as capacidades do deprimido. Além disso, se a depressão pode ser uma experiência

“Não há um paciente realmente deprimido que não venha agora consultar um psicanalista sem que já não lhe tenham prescrito antidepressivos”

apavorante, se ela efetivamente pode conduzir alguns ao suicídio, ela não é, no entanto, uma doença fatal, inscrita nos genes ou nas condições sociais.

Na França, a depressão foi considerada como um problema de saúde pública, dando lugar a uma verdadeira campanha publicitária, organizada pelo Estado. O objetivo era o de distinguir a simples tristeza, bem normal, da “verdadeira depressão” que é preciso levar a sério e tratar. Tratava-se, ao mesmo tempo, de engajar a população no sentido de se cuidar ou curar (por medicamentos) e os médicos a não prescreverem abusivamente por sintomas que são meras flutuações normais do humor. O resultado foi a prescrição maciça de antidepressivos pelos generalistas. Não há um pacien-

⁴ Albrecht Dürer (1471-1528): gravador, pintor e ilustrador alemão. (Nota da IHU On-Line)

te realmente deprimido que não venha agora consultar um psicanalista sem que já não lhe tenham prescrito antidepressivos!

IHU On-Line - Como é que o discurso do neoliberalismo contribui para sedimentar e fazer proliferar a depressão?

Martine Lerude - Proporei algumas observações: o ideal, saído do protestantismo, de um indivíduo responsável por seus atos, por sua existência, encontra-se em concorrência com a ideologia da vitimologia, do direito das vítimas que reina soberano sobre a sociedade europeia. Incitado pelo discurso social a se reconhecer como vítima, o indivíduo também deve obedecer às prescrições de bem-estar, de expansão e de gozo (“é preciso estar de bem com a vida”, “é preciso expandir-se”, “é preciso aproveitar a vida”). O neoliberalismo produz objetos que vão resolver esta contradição: objetos interditos como as diferentes drogas, objetos permitidos e legais: os medicamentos. Em todos os casos, o indivíduo contemporâneo é chamado a consumir o remédio, seja ele legal ou não: o objeto está lá, no mercado, ao alcance das mãos!

IHU On-Line - É possível dizer que, sob alguns aspectos, a depressão é uma enfermidade ética?

Martine Lerude - Não creio que se possa dizer “enfermidade ética”. Os laboratórios farmacêuticos convenceram os médicos que a depressão era *uma doença* (eu não falo da psicose maníaco-depressiva, que é uma verdadeira doença psiquiátrica), a fim de fazê-los prescrever em massa moléculas as quais ninguém até hoje pode realmente dizer como funcionam. Sob cobertura da ciência, uma falsa ciência tem sido vendida pelos laboratórios: é uma operação de marketing mundialmente exitosa. A dimensão “ética” se refere à questão do desejo (eu falo do desejo inconsciente, que é preciso não confundir com o “querer” consciente) e ao que Lacan chama “a arte do bem dizer”. A arte do bem dizer (expressão forjada por Lacan a propósito da ética da psicanálise) refere-se não a um di-

zer que estaria bem, bem torneado ou que expressaria algum bem (por oposição a falar do mal), mas, a um dizer que se origina do real.

O que é um dizer que se origina do real? É uma palavra subjetivada, reconhecida como tal por aquele que a escuta e que tem o valor de enunciação para aquele que fala. O seu valor não está fundado no que é dito, no conteúdo ou no que aparece como realidade; não se trata de uma palavra que diria a verdade dos fatos, mas que se funda na verdade do sujeito. Seu valor se baseia no fato de que seu surgimento esteja em ligação direta com o que vem se colocar atravessado, o que falha, o que põe em jogo a dimensão do impossível, o *non sense*, o ponto de tropeço da linguagem. É por isso que a questão ética é colocada pela depressão, pois esta, *a priori*, não é da alçada da ordem da enunciação, mas de um enunciado que faria consenso.

IHU On-Line - A fórmula de Lacan: “não cedas do teu desejo” pode servir como uma ética para evitar a depressão?

Martine Lerude - Esta formulação de Lacan não pode ser isolada de toda a elaboração teórica que ele desenvolveu (em particular no seminário sobre a Ética) e, além disso, é muito problemático extrai-la de seu contexto. Esquecendo o contexto, ignorando o modo como Lacan foi levado a enunciar este fragmento de frase (pois a citação não é mesmo uma frase completa!), se faz uma asserção definitiva, uma espécie de verdade que seria boa para todos. O que é o contrário da ética da psicanálise, que é uma ética do “bem dizer”. A psicanálise não é uma prática prescritiva nem comportamentalista. O que os pacientes nos ensinam não pode ser tomado como uma regra de conduta ou como uma prescrição higiênica (como, por exemplo, escovar os dentes a cada anoitecer, para evitar as cáries e a periodontite), como regra à qual seria preciso obedecer para não cair enfermo. Se a questão do desejo está no cerne de toda cura analítica, para cada um ela vai adquirir expressões singulares, que se chamam sintomas. Resta saber se a depressão pode ser considerada como um sintoma no sentido analítico do termo.

O desejo e a espontaneidade capciosa

A pós-modernidade tende a esquecer, ou mesmo minimizar, que desejo e espontaneidade capciosa não devem ser confundidos. Heteronomia é condição da autonomia, afirma o filósofo francês Paul Valadier

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

“**C**reio que a vida moral deve ser concebida menos sob a categoria do dever do que da beleza: é preciso que se descubra, num dia ou noutro, que é belo observar normas e leis sociais, como um artista considera belo submeter-se às práticas e às regras em uso para aprender sua profissão”. A afirmação é do filósofo francês Paul Valadier, SJ, em entrevista exclusiva, concedida por e-mail à IHU On-Line. Em sua opinião, a prerrogativa da autonomia é a heteronomia, e nós, pós-modernos, não devemos esquecer ou minimizar o fato de que desejo e espontaneidade capciosa não são a mesma coisa. Valadier estará na Unisinos em 13 de agosto, quando proferirá a conferência Narrar Deus no horizonte do niilismo, pré-evento do Simpósio Internacional Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades, que acontecerá de 14 a 17 de setembro. Em 15-08-2009, falará sobre Desejo e lei moral no Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas do teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?

Valadier é professor de Filosofia Moral e Política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É licenciado em Filosofia pela Sorbonne, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Lyon. Foi redator da revista *Études* e é autor de uma vasta bibliografia. Sobre Nietzsche escreveu, entre outros livros, *Nietzsche et la critique du christianisme* (Paris: Cerf, 1974); *Essais sur la modernité, Nietzsche et Marx* (Paris: Cerf, 1974); *Nietzsche, l'athée de rigueur* (Paris: DDB, 1989); e *Nietzsche l'intempestif* (Paris: Beauchesne, 2000). Entre seus outros livros, citamos *La condition chrétienne, être du monde sans en être* (Paris: Le Seuil, 2003) e *L'anarchie des valeurs* (Paris: Albin Michel, 1997). Entre suas obras publicadas em português, destacam-se: *Elogio da consciência* (São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001); *Um cristianismo de futuro: para uma nova aliança entre razão e fé* (Lisboa: Instituto Piaget, 2001); e *A moral em desordem: um discurso em defesa do ser humano* (São Paulo: Loyola, 2003). Foi conferencista no Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, com as conferências A moral após o individualismo e O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo. A esse respeito, confira o artigo *O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo: leitura filosófica e teológica*, publicado na coletânea *O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos* (Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Leopoldo: Unisinos, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como é possível conciliar a ética do desejo, proposta por Freud e aprofundada por Lacan, com uma lei moral?

Paul Valadier - A “conciliação” entre desejo, tal como foi analisada por Freud e depois por Lacan, apresenta diferenças notórias entre os dois, e uma lei moral não funciona por si. Muitas coisas dependem da ideia que se faz do desejo, e as abordagens não são simples. É verdade que a opinião pública opõe desejo e lei moral, o desejo parecendo anárquico e selvagem, a lei moral repressiva e imposta arbitrariamente do exterior ao desejo. Na realidade, quando se considera, segundo perspectivas bem destacadas, parece-me, pela psicologia profunda, que o desejo deve ser construído, suscitado, solicitado, que ele resulta de uma longa e difícil concretização, a oposição se esfuma e mesmo desaparece. Com efeito, uma criança, por exemplo, que não reconhecesse o interdito (ou os interditos) pela educação recebida, permaneceria prisioneira de seus impulsos, não chegaria mesmo a controlar seu corpo, a entrar em relação com os outros. É este encontro muitas vezes difícil e mesmo conflituoso com os interditos e as normas sociais que permitem à criança chegar a si mesma. Que se pense nas regras da linguagem, recebidas e impostas de fora (uma criança não fala “naturalmente” determinada língua), elas devem ser inculcadas, para que pouco a pouco a criança as interiorize, as torne suas e possa, em seguida, falar como um sujeito pessoal, capaz de se comunicar com outros. A heteronomia é a condição da autonomia.

IHU On-Line - Essa ética do desejo não nos levaria a um relativismo moral, fruto da anarquia dos valores?

Paul Valadier - Tal antropologia do desejo poderia, com efeito, conduzir ao relativismo. Mas isso seria esquecer que, se o desejo se forma, e ele jamais o será total e definitivamente, isso só se dá pelo encontro de relações familiares, sociais, numa cultura dada. Esse encontro põe diante do indivíduo um *ethos* mais ou menos coerente e bem-articulado, mas suficientemen-

“Nietzsche, antes de Freud, viu bem até que ponto o devir humano do que ele chama ‘o animal homem’ descobre a crueldade”

te firme para que o indivíduo encontre nele maneiras de fazer e de viver que passam através dos costumes, das normas sociais, do direito... Tal é a ética, com efeito, sempre relativa a uma sociedade e a uma época dadas, mas esta ética, sempre mesclada de hábitos e de maneiras de fazer equívocas, ou até alienantes (escravidão, estatuto inferior da mulher, sacrifícios humanos, bruxaria...), deve ser mensurada à moral, isto é, ao crivo de um julgamento universalizante: o que me propõe minha sociedade é degradante para minha humanidade e a do próximo, ou me permite uma realização real de minhas aptidões e das do próximo (imperativo categórico kantiano, ou a perspectiva cristã do respeito, em si e no outro, da imagem de Deus ou do Cristo)?

IHU On-Line - Numa perspectiva nietzschiana, essa ética do desejo revelaria que a moral é, realmente, uma “segunda natureza”, ou ainda, uma “contranatureza”?

Paul Valadier - Nietzsche,¹ antes de Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158266308.88pdf.pdf>. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela IHU On-Line edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na Universidade de Louvain-La-Neuve, intitulada *Nietzsche e Paulo*, disponível para download em <http://>

Freud, viu bem até que ponto o devir humano do que ele chama “o animal homem” descobre a crueldade. Que se leia a este respeito a Segunda Dissertação de *A Genealogia da Moral*, e se verá que Nietzsche absolutamente não é um naturalista que sustentaria a tese, segundo a qual o que acontece a si ou à subjetividade, ao que ele chama “o indivíduo soberano”, se desenvolva mecanicamente e, segundo processos internos, autodesenvolvendo-se espontaneamente. É preciso encontrar uma regra imposta duramente para que este animal humano aprenda a **prometer** e, portanto, a sair da imediatez para se engajar em direção ao futuro. A gênese do indivíduo humano passa pelo encontro, frequentemente cruel e torturante, do contrato entre credor (a sociedade, por exemplo, que confere linguagem e maneira de fazer) e devedor, que se encontra em posição de prestar o que ele recebeu gratuitamente e que irá muito provavelmente ficar sempre aquém da dívida a reembolsar. De onde emerge a ideia da responsabilidade, associada quase necessariamente à de culpabilidade. Assim, para Nietzsche, a moral é antes uma espécie de “contranatureza” que deve ser imposta pela crueldade e, se ela dá assim ao indivíduo uma segunda natureza, esta fere fatalmente os “afetos” brutos e selvagens inerentes a uma vida não educada. Entretanto, a cultura do indivíduo não se processa, como em toda cultura, sem um trabalho rigoroso sobre si, sem uma ascese impelida a termo pelos “padres ascéticos”, mas estes não fazem senão conduzir a um extremo o que toda cultura de si supõe. Numa boa leitura dos textos pode-se até perguntar se para Nietzsche esses “padres ascéticos” não têm um papel histórico necessário ao acontecimento da humanidade!...

IHU On-Line - Em que medida essa verdade que emana da fala do sujeito pelo desejo, espécie de imperativo categórico singular, se contrapõe

www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158346362.52pdf.pdf. A edição 15 dos *Cadernos IHU em formação* é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009658.17pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

ao imperativo categórico kantiano com base no individualismo?

Paul Valadier - Essas perspectivas seriam realmente tão afastadas das de Kant, cujo discurso é certamente mais “azeitado”, menos brutal e menos rude que aquele de Nietzsche? Pode-se dizer que, como luterano consciente de o ser, Kant² sabe muito bem que a lei vulnera, que ela absolutamente não funciona por si, que ela deve ser imposta a uma sensibilidade rebelde e que jamais qualquer vitória moral pode ser assegurada. Pode-se mesmo citar algum caso, se pergunta Kant, no qual se estaria certo que a pessoa agiu por dever e não somente em conformidade com as normas sociais? Sem ainda falar do inconsciente, Kant não estaria no limiar dessa realidade profunda, de que jamais a pessoa em seu ato poderá dizer que ela se conecta realmente consigo mesma, e então, que a lei moral continua sendo o seu juiz? O que constitui o ponto de partida para Kant são postulados da razão prática que conduzem a pressupor a imortalidade da alma e uma retribuição no além por um Deus justo.

IHU On-Line - Poderíamos, ainda, comparar a exortação lacaniana de não ceder do nosso desejo ao amor fati de Nietzsche? Por quê?

² Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161093369.8pdf.pdf>. Também sobre Kant foi publicado este ano o Cadernos IHU em formação número 2, intitulado Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1158328261.83pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

Paul Valadier - É bem difícil de saber o que Lacan entende por “não cedas do teu desejo”. Assim como creio compreendê-la (mas, como sempre em Lacan, o duplo entendimento das fórmulas, sua ambiguidade perturbadora, ou mesmo a mistificação fazem parte do discurso...), eu não penso que esta sentença corresponda ao *amor fati* de Nietzsche. Este *amor fati* é antes para Nietzsche um dizer sim ao que é tal como é, portanto um sim à vida e ao mundo em toda a sua profundidade, o que ultrapassa bastante o indivíduo e seu desejo. Seria fazer demasiadas nuances de tudo isso. Mas Nietzsche propõe finalmente um dizer sim em que o desejo cede ante a profundidade abissal do mundo, a qual é terrível para um homem sempre mais ou menos orientado à busca de sua “pequena felicidade”. “O último homem” está a uma grande distância do “super-homem” que seria, como a criança, capaz de dançar sobre o abismo e talvez de nele perecer. O grande “dizer-sim”, inclui o “dizer-não”, ou a passagem por aquilo que Nietzsche chama “mil mortes” na vida! Renúncia última a se procurar no mundo ou a se procurar na realização de seu desejo, e, sobretudo, a procurar “um sentido” (Providência, finalidade moral do mundo...); tal seria, sem dúvida, a mensagem última e trágica de Nietzsche.

IHU On-Line - O que a ética do desejo revela sobre a subjetividade pós-moderna?

Paul Valadier - Pode-se avançar, sem grande risco, que esta ética do desejo coloca no centro a subjetividade. Ela está, portanto, seguramente, à grande distância das perspectivas dos antigos gregos que solicitavam antes o homem a se deixar mensurar por um cosmos regulado e a encontrar sua felicidade no respeito às leis e aos costumes de sua cidade. Seria, por certo, preciso fazer muitas nuances, já que as diferenças são grandes entre um *Aristóteles*³ e os estoicos, eles pró-

³ Aristóteles de Estagira (384 a.C. - 322 a.C.): filósofo grego, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se:

prios muito diversos. Contudo, para nenhum deles a subjetividade e seu desejo estão no centro. Todos veem também que a felicidade se atinge por um trabalho sobre si mesmo, por exercícios de sabedoria e, por isso, estão, sem dúvida, próximos da ideia avançada mais acima, a saber, que o desejo não deve ser confundido com a espontaneidade capciosa. É, sem dúvida, isso que a “pós-modernidade” tende a esquecer ou a minimizar.

IHU On-Line - Não ceder do próprio desejo seria erigir o gozo como imperativo? Por quê?

Paul Valadier - A palavra “gozo” é frequentemente suspeita entre os moralistas e nas tradições espirituais. Há, por certo, um gozo que significa redobramento sobre si, sobre o próprio umbigo, fechamento em satisfações infinitas e sempre evanescentes. Ao mesmo tempo Freud ou Lacan, mas também certos místicos - esquece-se muito isso - nos ensinaram que existe também um bom “gozo” ou desfrute. Malgrado a disciplina que lhe é imposta, é preciso que a criança “goze [tenha prazer]” em obedecer aos seus pais, em respeitar as normas sociais, encontrando profunda satisfação de ser reconhecida por ela mesma. Será isso tão distante da ideia evangélica que é preciso amar-se a si mesmo para poder amar Deus e seu próximo? Mesmo passando por duras noites e angústias, o místico não procura gozar [desfrutar] em Deus e de Deus, graças a um radical esquecimento de si? Um paradoxo, sem dúvida, mas um paradoxo instrutivo.

IHU On-Line - Sob que aspectos poderíamos dizer que a afirmação do próprio desejo é uma estética da existência?

Paul Valadier - A ideia de uma estética da existência pode certamente parecer leviana e mesmo insolente numa época em que tantos entes humanos estão desesperados, na miséria e vivem em situações indignas do

ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

ser humano. E, no entanto, eu creio que a vida moral deve ser concebida menos sob a categoria do dever do que da beleza: é preciso que se descubra, num dia ou noutro, que é belo observar normas e leis sociais, como um artista considera belo submeter-se às práticas e às regras em uso para aprender sua profissão. Longe de se opor à sua liberdade criadora, é isso que lhe permitirá ser eventualmente inventivo e dar um traço pessoal e próprio à sua obra. Da mesma forma, é preciso, no mais alto nível, mostrar a uma criança que é real e simplesmente belo e gratificante não mentir, esforçar-se na escola para encontrar seu lugar na sociedade e aí prestar serviço; que é belo, numa palavra, amar, mesmo que isso custe. Todavia, toda criação, mesmo artística, não custa também muito aos grandes artistas? Basta olhar suas vidas concretas para se aperceber a que preço se merece a beleza!

LEIA MAIS...

>> Confira outras entrevistas concedidas por Paul Valadier ao IHU

* *Investidas contra o Deus moral obsessivo*. IHU On-Line número 127, de 13-12-2004, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158266308.88pdf.pdf>

* *O futuro da autonomia, política e niilismo*. IHU On-Line número 220, de 21-05-2007, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=409

* *"A esquerda francesa está perdida"*. Entrevista especial com Paul Valadier. Notícias do Dia 27-05-2007, do site do IHU, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=7420

* *O empenho concreto dos cristãos pelos direitos humanos*. Notícias do Dia 14-12-2008, do site do IHU, disponível no link http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=18879

>> Confira as publicações de Paul Valadier no IHU

* *Investidas contra o Deus moral obsessivo*, republicada nos Cadernos IHU Em Formação número 15, *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, disponível no link <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009658.17pdf.pdf>

* *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores*, Cadernos Teologia Pública número 31, disponível no link <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1184009658.17pdf.pdf>

E a lei continua: o desejo inconsciente como voto intransitivo

Queira ou não, o sujeito deseja. Esta é a lei, esclarece o psicanalista e psiquiatra Aurélio Souza. “Quando o sujeito é constituído como desejante, ele paga seu preço”: seu trauma de nascimento é “ter nascido desejado e se tornar desejante”

POR MÁRCIA JUNGES

“O desejo, na psicanálise, não corresponde à ideia de algo que está fora da consciência, de um querer algo ou de se ter vontade de alguma coisa. O desejo inconsciente constitui-se num voto intransitivo: ‘se deseja’, o sujeito queira ou não. Esta é a Lei, pois desde quando o sujeito é constituído como desejante, ele paga seu preço. Este é seu ‘trauma de nascimento’: ter nascido desejado e tornar-se desejante. Ele não decide sobre isso, mas terá que obedecer sempre à Lei. Não se trata de uma lei do Direito, nem das religiões, mas é a própria lei da linguagem”. A afirmação é do psicanalista Aurélio de Souza, na entrevista exclusiva que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. “Para ser desejante, o sujeito nasce desejado, esse é seu inferno”. Sobre a ética da psicanálise, Souza argumenta que “a ética que regula a prática analítica e que foi enunciada por Freud, não segue um princípio geral, não segue um princípio universal de que o que é bom para um, serve para todos”. E completa: “O sujeito da psicanálise ficará sempre reduzido a uma hipótese, a um axioma, a um ser mental que só pode se realizar e ser avaliado no curso de uma análise em intenção”. Para ele, o “que se constitui no momento de concluir, interfere no tempo de compreender e no instante de ver. O sujeito se torna responsável pelo que lhe acontece. Isso obedece a uma ética e a uma estética da psicanálise”.

Aurélio de Souza é psiquiatra e psicanalista, membro fundador do Espaço Moebius, em Salvador, Bahia. É autor do livro *Os discursos na psicanálise* (Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008) e de várias outras obras em coautoria, além de artigos publicados em revistas nacionais e internacionais. Em 14-08-2009, falará sobre “E a lei continua” como conferencista no Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]? Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a ética que norteia a psicanálise hoje?

Aurélio Souza - Essa não é uma pergunta simples de responder. Antes de tudo é preciso se considerar o que é a psicanálise hoje e relacionar esta noção da ética àquilo que se desenvolve numa *psicanálise em intenção*, isto é, na análise que se pratica.

Com o ensino de Lacan, a psicanálise se transformou num tipo de discurso implicado ao próprio campo da linguagem. Todavia, a linguagem que intervém no discurso analítico não corresponde àquela dos linguistas que se sustenta no signo, que está relacionada à teoria da comunicação e, como tal, serve para dar

alguma significação às coisas. Diferente da linguagem dos linguistas, a estrutura de linguagem, que dá suporte à prática da análise, é constituída por letras e significantes que se torna solidária à polifonia e é responsável por fazer o sujeito.

Mas de que sujeito se trata na psicanálise? Não se trata de uma noção comum de sujeito, mas de uma hipótese que vem testemunhar o ensino de Lacan. Assim, para encaminhar uma resposta a esta questão, vou partir de uma proposição lógica e, sobretudo, topológica, que não faz referência a um bebê que ainda não nasceu, nem a um *infans*, mas da suposição de um sujeito primitivo que recebe esta estrutura da linguagem como uma herança simbólica, ou melhor, como “uma estrutura constituinte”.

Ser de linguagem

A estrutura da linguagem intervém sobre este sujeito primitivo, sobre o real do vivente, através de uma operação de incorporação. Aqui, no entanto, não se trata de colocar estes elementos de linguagem no interior do organismo, como a intuição pode sugerir, mas de que é a linguagem que incorpora este sujeito primitivo. Ela o faz, usando da superfície do organismo, ou melhor, da superfície real do corpo como um leito para inscrever suas primeiras letras, produzindo marcas inaugurais de pertinência, e fundamentando este sujeito primitivo como um ser de linguagem.

Vou insistir sobre esta questão, pois esta intervenção simbólica que ocorre antes mesmo que o sujeito tenha nascido, para que ele possa habitar nesta estrutura “linguageira” e usar de seus elementos, ele terá que pagar um preço. É a Lei. Ele perde algo de sua estrutura, algo que vai estar ligado a um tipo de simbolização primitiva equivalente a uma privação que irá constituí-lo, como um ser em que falta algo, como uma falta de ser para que ele possa existir.

Isso que se *perde* não só vai abrir um tipo de buraco em algum lugar de sua “ex-sistência”, como passará a fazer parte de um ato que irá trans-

“Com o ensino de Lacan, a psicanálise se transformou num tipo de discurso implicado ao próprio campo da linguagem”

mudá-lo num *sujeito dividido*, num sujeito marcado por uma descontinuidade radical na própria rede de significantes. Uma divisão impossível de ser desfeita. Isso também se constitui como Lei.

Uma divisão que não se faz entre a consciência e o inconsciente, mas sob uma condição em que o sujeito, quando toma a palavra, qualquer coisa que diga, sempre apontará para uma verdade que lhe diz respeito, mesmo que ele não saiba disso. Uma verdade que manterá uma relação de alteridade com a própria estrutura “linguageira” onde ele habita e que adquire o estatuto de um saber. Há neste sujeito da psicanálise, portanto, uma disjunção entre a verdade e o saber.

Lei e linguagem

Além disso, este sujeito do inconsciente e, por extensão o humano que o sustenta, serão obrigados a obedecer às regras e limites que a própria estrutura de linguagem lhes impõe. Diferente, portanto, dos animais que habitam na natureza com harmonia e racionalidade, este ser de linguagem, este sujeito dividido não poderá manter qualquer relação natural com os objetos que estão em sua volta, nem mesmo com o corpo que passa a sustentá-lo. Esta é a Lei.

Por isso mesmo, outra inferência que se deve tirar desta operação “linguageira”, que constitui este sujeito dividido, é que ele não é equivalente a uma pessoa, a um indivíduo, a um ser humano com sua anatomia, fisiologia e bioquímica. Nem mesmo corresponde ao sujeito gramatical, a um interlocutor, ou a essa instância que é

Eu [moi], com o qual guarda uma alteridade também radical. O sujeito da psicanálise ficará sempre reduzido a uma hipótese, a um axioma, a um ser mental que só pode se realizar e ser avaliado no curso de uma análise em intenção. Um dispositivo de discurso que não procura manter uma relação com os bons ou maus costumes, nem mesmo se propõe à busca de um Bem Supremo.

Lacan, num primeiro momento de seu ensino, para organizar e orientar este dispositivo de discurso, referiu-se à Ética na psicanálise como algo que estaria implicado à própria função do desejo, um desejo sempre inconsciente e que manteria um tipo de convergência com a Lei. Uma condição que foi enunciada por um axioma em que o sujeito no discurso analítico “não deve ceder ao desejo”.

É preciso insistir sobre esta questão, pois se trata sempre de um desejo inconsciente. O desejo, na psicanálise, não corresponde à idéia de algo que está fora da consciência, de um querer algo ou de se ter vontade de alguma coisa. O desejo inconsciente constitui-se num voto intransitivo: “se deseja”, o sujeito queira ou não. Esta é a Lei, pois desde quando o sujeito é constituído como desejante, ele paga seu preço. Este é seu “trauma de nascimento”: ter nascido desejado e se tornar desejante. Ele não decide sobre isso, mas terá que obedecer sempre à Lei. Não se trata de uma lei do Direito, nem das religiões, mas é a própria lei da linguagem.

IHU On-Line - Em que medida a ética relativa ao discurso analítico é “refém” da estrutura da linguagem pela qual ela é articulada?

Aurélio Souza - O significante “refém” que você coloca talvez não seja adequado para esta ocasião. Para retomar a relação da linguagem e sua implicação ética, na psicanálise, talvez seja também necessário precisar esta noção de Discurso. O Discurso, na psicanálise, não corresponde ao sentido comum que este significante apresenta, mas passa a se constituir num tipo de laço social que estabelece uma relação entre o analista e o analisando.

te. Uma condição que não se realiza entre duas pessoas, nem mesmo entre dois sujeitos, como a intuição pode sugerir. Ela se realiza através de um laço social que liga o lugar do analista ao lugar do analisante, que passam a desempenhar duas funções específicas: de objeto causa do desejo e de sujeito desejante, respectivamente.

Para ser desejante, o sujeito nasce desejado, esse é seu inferno. Neste caso, ele sofre o efeito de uma estrutura que o acolhe e que, de um ponto de vista lógico e topológico, é incompleta. Existe um buraco neste Outro real da linguagem que o acolhe, que o constitui e onde ele passará a habitar.

Ser desejado vai significar, para ele, ocupar uma posição de objeto que possa preencher esta falta que existe no Outro real da linguagem. Dessa maneira, constituir-se como desejante, significa que a causa de seu desejo está implicada num desejo do desejo deste Outro real da linguagem, isto é, ele é colocado nesta condição de ser objeto do desejo do Outro.

Ao se revelar para o sujeito não só essa falta em sua estrutura que o constitui como uma falta de ser, assim como a presença de uma incompletude nesse “im-mundo” simbólico onde passa a habitar, ele não poderá encontrar qualquer garantia que venha estabelecer uma harmonia ou mesmo uma condição de felicidade em sua “ex-sistência”. Uma condição que o manterá sempre na impossibilidade de encontrar uma resposta adequada de sua inserção na linguagem ou mesmo de uma verdade sobre si mesmo nas relações que venha estabelecer.

Ser de linguagem e de sexo

A perda deste objeto no ato de seu engendramento traz outras consequências. De um ponto de vista estrutural, lógico e topológico, este objeto que o sujeito perde no ato de seu engendramento, mesmo que se constitua num objeto sem substância e irrecuperável, possibilita uma coalescência da linguagem com o sexo, tornando-se causa de sua condição desejante. Um fato de estrutura que o manterá num permanente estado de “ereção”, num

movimento constante para tentar re-encontrar este objeto perdido. Um objeto que guarda propriedades do real e, como tal, deixa de fazer parte do campo das representações. É um objeto “fora de cena”. Lacan, utilizando-se de uma homofonia, referiu-se a outra de suas propriedades, ele é *obsceno*.

É a Lei. O sujeito passa a “ex-sistir” como um ser de linguagem e de sexo. E, mesmo sem querer e sem saber, para preservar sua “ex-sistência”, terá que se manter sempre marcado por uma falta irreversível em sua estrutura. Uma condição que o constitui sempre como um sujeito desejante. Assim, por uma condição de estrutura e mesmo topológica, ele não pode ceder ao desejo, um desejo que nunca poderá se realizar. Portanto, “não ceder ao desejo”, é a Lei que se mantém.

“Diferente da linguagem dos linguistas, a estrutura de linguagem, que dá suporte à prática da análise, é constituída por letras e significantes que se torna solidária à polifonia e é responsável por fazer o sujeito”

IHU On-Line - O pai, a religião, o Estado “evaporaram” em nosso tempo? Que implicações essa “evaporação” traz à falta de limite, de sentido e, em última instância, de violência?

Aurélio Souza - Talvez não tenha havido uma “evaporação” destas instâncias, mas um tipo de deslocamento de poder que traz consequências na cena social. Talvez possa mesmo se considerar que esta mudança traga alterações no sentido e torne-se causa de um tipo de violência. A diversificação das reli-

giões onde Deus não é mais o mesmo, a posição de menos poder que o pai passou a ter na família a partir da inserção da mulher no sistema produtivo, e ainda a flexibilização dos limites entre os Estados, certamente interferem em diferentes expressões de violência na cena social.

Quero insistir, no entanto, que a psicanálise como uma prática privada e singular, mesmo que algumas condições de seu ofício possam ser utilizadas para elaborar alguma resposta sobre esta questão na violência no social, ela terá que ser feita com muita prudência. A ética que regula a prática analítica e que foi enunciada por Freud, não segue um princípio geral, não segue um princípio universal de que o que é bom para um, serve para todos.

Ética e estética da psicanálise

Na prática da análise, embora Lacan tenha se referido à psicanálise como uma “religião moderna” pela crença que o sujeito desenvolve em relação ao inconsciente, ao real que existe no inconsciente, no curso de uma análise em intenção, ele vai deixando de precisar de Deus. O que se constitui no momento de concluir, interfere no tempo de compreender e no instante de ver. O sujeito se torna responsável pelo que lhe acontece. Isso obedece a uma ética e a uma estética da psicanálise.

Em relação ao pai, deve-se considerar a existência de um pai da realidade, de um pai que participa da família e que interfere nas realidades dos filhos, com mais ou menos poder, com ausência ou presença. Um pai do imaginário que se procura desempenhar um poder muito efetivo pode produzir efeitos devastadores, efeitos paranóicos nos filhos, como no caso apresentado por Freud e lido por Lacan do presidente Schreber. Existe ainda um pai do simbólico que serve para fazer presença na ordem geracional. Todavia, deve-se levar em conta a presença de um pai real, que não tem uma representação na família, nem na ordem geracional, mas que produz efeitos na estrutura do sujeito. Algo

que está além do filho que sustenta o sujeito.

Esta função do pai no real atua sobre o sujeito mesmo antes de ele nascer. Além de nomear posições que deverão ser ocupadas pelo sujeito, ele vai regular a relação do sujeito com o objeto, regular a relação sexual dos filhos, mesmo que a “relação sexual entre o homem e a mulher não exista”, como Lacan não cansou de insistir. Esta é uma Lei que continua.

IHU On-Line - Tomando isso em consideração, como podemos compreender que “a lei continua”?

Aurélio Souza - Aqui é uma alusão à relação que o sujeito mantém com a estrutura da linguagem que o constitui como desejante e uma cumplicidade que deverá ter para se defender dos efeitos de gozo que a própria estrutura da linguagem lhe determina. Uma linguagem que ao ser incorporada, passa a produzir efeitos radicais e irreversíveis.

Mesmo que existam na modernidade alterações na produção dos objetos de consumo, de um convite permanente a que o sujeito mude sua posição em relação a estes objetos, como no discurso do capitalista e no do “aviciado”, que sofra os efeitos desta modificação das leis e que tenha que suportar estes atos secretos que se realizam numa cumplicidade institucional, como estamos acompanhando nos últimos meses numa cumplicidade entre o poder Legislativo e Executivo. Isso repercute no público e produz seus efeitos também na cena privada. Esta é uma violência para o sujeito: o que é público incide sobre o privado. Assim, a alteração destes limites que passam a incidir nos diferentes laços sociais, podem facilitar e mesmo causar movimentos que gerem violência no sujeito com uma incidência para o público.

Todavia, o que se deve considerar para a psicanálise, para a psicanálise em intenção, é aquilo que se desenvolve na cena privada entre o analista e o analisante. A intervenção da psicanálise é modesta em relação à cena social, e este é um de seus limites. A Lei que regula a posição do sujeito em relação ao objeto, mesmo nos casos agudos de transgressão, como me re-

firo em relação aos “a-viciados”, essa condição que trabalho em meu livro, ela será sempre mantida para que o sujeito possa continuar “ex-sistindo”. Mesmo nos casos de uma situação aguda de angústia, quando o sujeito não mais suporta uma posição de gozo que o dilacera e que o desejo não pode colocar seus limites, uma das soluções possíveis que o sujeito pode encontrar, é fazer uma identificação radical com o objeto, cumprindo sua última função. que é de se sacrificar, apostar sua própria “ex-sistência”. Isso não altera meu enunciado de que “a lei con-

**“Em sua constituição,
algo que se
fundamenta numa
relação com o outro, o
semelhante, haverá
sempre uma discordância
entre uma imagem
construída com o
ideal do Eu, em oposição
àquela que se constrói
com a relação especular
do outro, o semelhante”**

tinua”, mesmo se ele realiza o que a psicanálise denomina de passagem ao ato. É uma ultrapassagem da Lei que continua existindo.

IHU On-Line - Em que medida a concepção do outro como estranho explica a violência?

Aurélio Souza - É preciso considerar uma violência que se desenvolve no social através desta instância que é eu, em contraponto àquilo que pode se realizar com o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo, que só pode ser avaliada no curso de uma análise. A importância da lei que constitui o su-

jeito, não é a lei do Direito nem das religiões, como me referi acima, mas a Lei paterna, a Lei que se fundamenta na função paterna, no Nome do Pai. Aqui, mesmo que o sujeito mantenha uma alteridade radical com outro sujeito, que o tenha como um estranho, pois é sempre assim, esta é a Lei, ele não atua de uma maneira sem regras. A psicanálise não é uma prática, como muitas vezes se pensa e se diz que depois de “alguém ter sido analisado” pode fazer qualquer coisa, que obedece a seu desejo, que faz o que pensa e o que quer. Nada é pior para o sujeito que se colocar fora da Lei. A culpa não o perdoa. Cobra seu preço.

Está condição está próxima à leitura que Lacan fez de Freud. Quando se pensa que depois que o Pai está morto qualquer coisa pode ser feita, o que passa a funcionar é um interdito, pois “depois que o Pai está morto nada mais pode ser feito”. Esta é a Lei. Mesmo que esse sujeito dividido, por sua relação com o gozo busque o inferno, procure repetir aquilo que o faz sofrer, existe algo no desejo que tenta colocar limites. Essa é a Lei. A estrutura do desejo procura colocar limites ao gozo que tende a se repetir.

Todavia, diferente desta posição do sujeito, o que acontece com esta instância que é Eu pode se normatizar de outra maneira. Em sua constituição, algo que se fundamenta numa relação com o outro, o semelhante, haverá sempre uma discordância entre uma imagem construída com o ideal do Eu, em oposição àquela que se constrói com a relação especular do outro, o semelhante. Haverá sempre uma discordância, pois nestas duas imagens existe uma presença do real, produzindo uma dessemelhança que sempre gera violência. Mesmo assim, poder ser diferente do outro, ou ter o outro como diferente de si mesmo, pode ser uma condição que não produza uma luta de morte, desde quando a Lei, a lei do Pai pode normatizar a relação entre a imagem que se tem como eu ideal e aquela que se realiza através do Ideal do eu.

IHU On-Line - Nesse sentido, recuperarmos a ideia de alteridade, de Lévinas, ajudaria a construir uma so-

“É correto se construir concepções de uma sociedade mais justa, menos desigual, menos violenta, mas isso irá depender de normas que possam ser estabelecidas na cultura, nos estados, num tipo de universalização que não contempla o sujeito”

cidade em que o outro também tem um papel fundamental?

Aurélio Souza - O outro, o semelhante ou o próximo, terá sempre uma condição essencial e problemática em relação ao sujeito. Vou continuar insistindo sobre esta questão, referindo-me sempre ao sujeito da psicanálise. Se de um ponto de vista do imaginário, com o Estádio do Espelho, através do narcisismo, do transitivismo e de outras manifestações implicadas, ou do simbólico com os posicionamentos geracionais, com a ordem e a lei, talvez seja até mesmo possível algum tipo de acordo entre o sujeito e o outro, como objeto, para se manter a ilusão de uma sociedade mais justa.

Todavia, quando se leva em conta a *dimensão* do real, que está sempre presente, como Lacan tem apresentado o sujeito enodado na cadeia borromeana, haverá uma alteridade permanente e uma desarmonia nas relações do sujeito com o objeto ou em suas relações sociais. Mesmo na imagem que cada um tenha de si mesmo e do outro, ou nos diferentes tipos de relações sociais, existe algo do real que não deixa de se inscrever com a alteridade e com um tipo de gozo que tende a se repetir. Um gozo que coloca o sujeito sempre numa posição autoerótica. Assim, “amar o outro como a si mesmo”, querer o bem do outro como a si mesmo, é uma posição sempre idealizada e não segue a lei que continua. A ideia de uma sociedade harmoniosa, onde todos sejam felizes, constitui-se numa utopia. É correto se construir concepções de uma sociedade mais justa, menos desigual, menos violenta, mas isso irá depender de normas que possam ser estabelecidas na cultura, nos estados, num tipo de universalização

que não contempla o sujeito.

IHU On-Line - Em que medida o delírio de autonomia do sujeito pós-moderno sedimenta o binômio desejo-violência?

Aurélio Souza - Uma primeira questão a se considerar é redefinir este sujeito que você nomeou de “pós-moderno”. Tenho, muitas vezes, tratado desta questão, pois a presença do sujeito do inconsciente, do sujeito do desejo, do sujeito da psicanálise, embora só tenha podido ser avaliada com base na invenção de Freud, a “ex-sistência” do sujeito deve ser considerada de um ponto de vista lógico, discursivo ou ainda topológico desde sua relação inaugural com a linguagem. Assim, não se trata de um sujeito pós-moderno, mas de um sujeito que “ex-siste” na pós-modernidade, como já existia no Iluminismo, na Idade Média, ou desde o momento que o animal humano foi constituído e passou a ser afetado pela linguagem.

Dessa maneira, se, de um ponto de vista estrutural ele delira que tem uma autonomia sobre a estrutura que o constitui, torna-se cada vez mais delirante, podendo até mesmo desenvolver manifestações psicóticas. Nesse caso, sua estrutura desejante sofre efeitos que podem potencializar reações de violência contra ele mesmo ou contra outros sujeitos. Todavia, se o sujeito guarda uma posição de neurótico ou de outras posições em relação ao desejo e o gozo, ele sempre estará sofrendo efeitos do imaginário, do simbólico e do real, sem que necessariamente delire ou fortaleça esse binômio desejo-violência, como você colocou. Mas, sobretudo por isso, a lei continua.

CONFIRA O CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA
ACESSO AS EDIÇÕES NO SÍTI DO IHU (WWW.IHU.UNISINOS.BR)

“A ética atual não valoriza o fato de sustentar o desejo”

Para o psicanalista e psiquiatra argentino José Zuberma a desvalorização da palavra e o enfraquecimento da função paterna vão situando o sujeito em relação a um êxito que não o situa em relação a seu desejo, ou seja, o êxito diante do público desloca o sujeito de sua relação com o desejo

POR MÁRCIA JUNGES E GRAZIELA WOLFART | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

Um dos participantes do Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?, marcado para 14 e 15 de agosto, em Porto Alegre, o psicanalista e psiquiatra argentino José Zuberma concedeu a entrevista que segue, por e-mail, para a IHU On-Line. Nela, ele escreve que “a psicanálise situa como Soberano Bem a singularidade do desejo do sujeito, e sua ética faz com que se localize como imperativo categórico o fato de defendê-la. Nenhum Bem Universal se situa acima da singularidade do desejo. A família ou qualquer instituição é válida para a psicanálise desde que não se torne obstáculo para o desejo do sujeito. A questão do desejo do sujeito fica priorizada diante do Bem Universal que a instituição representa. Se a instituição serve para o desenvolvimento do sujeito, será válida para ele. Se a instituição sufoca seu desejo, para que defendê-la?”, pergunta. Para Zuberma, “desde Freud, o sintoma é a eficácia de um desejo reprimido que tem um correlato imaginário no corpo e no real da economia de gozo e que questiona o sujeito”. E ele explica na prática: “O paciente que nos consulta hoje chega com um padecer que não é sintoma, que não lhe causa perguntas. Vai ao analista porque já não tolera seu sofrimento. As consultas mudaram muito como eficácia do discurso capitalista no devir de cada sujeito. Hoje, consultam-se dependências, anorexias, bulimias e todo tipo de transtornos que não atingem o estatuto do sintoma como Freud o define”.

Membro da Escola Freudiana de Buenos Aires (EFBA), Zuberma é autor de, entre outros, *O ataque epilético no Dostoiévski de Freud* (Porto Alegre: Cadernos do Recorte, 1995). Em 14-08-2009 proferirá a conferência O lugar do desejo no discurso capitalista, suas consequências éticas para o sujeito e seus efeitos na prática analítica dentro da programação do Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]? Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o lugar do desejo no discurso capitalista?

S1 → S2
\$ a

José Zuberma - No discurso do Amó, o agente é o significante do Nome do Pai, o significante fálico. S1→S2, como par ordenado, envolvem a cadeia significante em que se lê o desejo. O desejo é lido naquilo que se diz. O discurso capitalista desloca o par ordenado, assim como os termos do fantasma (\$a) que, no discurso do Amó, ficam debaixo da barra. Ao se

deslocar o par ordenado e os termos do fantasma, que é “sustento de meu desejo”, como ensina Lacan, o desejo como tal liquidifica seu lugar.

IHU On-Line - Quais são as consequências éticas do desejo para o sujeito?

José Zuberma - A ética atual não valoriza o fato de sustentar o desejo. Há muito poucos anos, a assinatura de um cheque sem fundos horrorizava a quem se dava conta do fato. Hoje, é celebrado risonhamente como uma “esperteza”. As campanhas eleitorais no começo das democracias basea-

vam-se em discursos de princípios, pelos quais aqueles que os defendiam colocavam em jogo até a vida. Hoje, é habitual dizer “isto” na campanha para fazer “aquilo” no governo, por exemplo. A desvalorização da palavra, o enfraquecimento da função paterna vai situando o sujeito em relação a um êxito que não o situa em relação a seu desejo. O êxito diante do público desloca o sujeito de sua relação com o desejo. O discurso funda o laço social e nele se cotiza o êxito eleitoral, televisivo, econômico, sexual etc., independente do desejo. O discurso capitalista transforma o lugar do objeto A, causa

do desejo, em objeto de consumo. É parte do cotidiano que um cônjuge diga ao outro que assim não suporta mais a vida, que é preciso trocar de carro, de tapete ou de televisão, ignorando toda pergunta sobre o que gera o mal-estar ao qual se refere, em que ele se baseia. Sustentar essa pergunta elevaria a questão pela singularidade do desejo que o discurso capitalista ignora e exclui.

IHU On-Line - E quais são os efeitos desse desejo na prática analítica?

José Zuberma - O desejo sustenta a tarefa analisante. O analisante vem com uma pergunta: “Como pode ser que eu gostasse tanto da leitura e agora me canso na frente de um livro?”, “Por que eu, que desfrutava tanto a minha vida sexual, hoje mal e mal a sustento para cumprir com a obrigação matrimonial?”. Essas perguntas implicam um sintoma. Desde Freud, o sintoma é a eficácia de um desejo reprimido que tem um correlato imaginário no corpo e no real da economia de gozo e que questiona o sujeito. O paciente que nos consulta hoje chega com um padecer que não é sintoma, que não lhe causa perguntas. Vai ao analista porque já não tolera seu sofrimento. As consultas mudaram muito como eficácia do discurso capitalista no devir de cada sujeito. Hoje, consultam-se dependências, anorexias, bulimias e todo tipo de transtornos que não atingem o estatuto do sintoma como Freud o define. E mesmo na análise daqueles que consultam por causa de um sintoma, a “forclusão das coisas de amor”, que Lacan situa como eficácia do discurso capitalista, também alcança o amor de transferência que torna possível cada análise. Por isso, hoje é mais difícil sustentar uma análise diante das terapias comportamentais que não interrogam o sujeito.

IHU On-Line - Poderia aprofundar a ideia de Lacan que o senhor comenta na entrevista que nos concedeu, de que a ética da psicanálise é um imperativo categórico na singularidade de cada sujeito?

José Zuberma - O Soberano Bem situa o imperativo categórico kantiano como universal. Assim, o Soberano

Bem de cada indivíduo será servir a Igreja, o Partido, a Instituição e fará desse Bem um valor universal. Quem acredita em Deus como valor universal prega esse Bem como válido para todos os humanos; tem o dever de evangelizar para salvar cada semelhante, cada próximo. Quem prega a Revolução também a situa como a redenção de todos os humanos na Terra e a torna válida para convocar a todos para essa luta. A psicanálise situa como Soberano Bem a singularidade do desejo do sujeito, e sua ética faz com que se localize como imperativo categórico o fato de defendê-la. Nenhum Bem Universal se situa acima da singularidade do desejo. A família ou qualquer instituição é válida para a psicanálise desde que não se torne obstáculo para o desejo do sujeito. A questão do de-

“O discurso capitalista fracassa em sua ilusão de autonomia do eu, porque cada sujeito precisa se encontrar com amor e com o desejo”

sejo do sujeito fica priorizada diante do Bem Universal que a instituição representa. Se a instituição serve para o desenvolvimento do sujeito, será válida para ele. Se a instituição sufoca seu desejo, para que defendê-la?

IHU On-Line - Quais são os limites e possibilidades que o capitalismo oferece ao desenvolvimento da autonomia do sujeito?

José Zuberma - O discurso capitalista estimula a ilusão de autonomia do sujeito. A ilusão de autonomia é do eu, não do sujeito do desejo. O capitalismo pelo qual você me pergunta não é o mesmo do discurso capitalista, que também regeu o laço social nos países do Leste. O capitalismo cria a ilusão de consumo interminável ao mesmo tempo que exclui do consumo uma porcen-

tagem cada vez maior de habitantes do planeta. O capitalismo estimula a ideia de autonomia, do eu, enquanto nos torna mais dependentes de resoluções globalizadas que são tomadas em escritórios tão remotamente distantes de mim e que vão determinando minha vida cotidiana. O discurso capitalista fracassa em sua ilusão de autonomia do eu, porque cada sujeito precisa se encontrar com amor e com o desejo. Um paciente me dizia que, com o Viagra, ele resolve o “pânico cênico” que o habita diante do encontro sexual, mas ele quer se analisar para poder se reencontrar com o que sentia quando não precisava recorrer ao medicamento. O hiperdesenvolvimento da terapêutica farmacológica da dor não impede que apareçam novas dores que convocam à massagem oriental e a outras tantas técnicas corporais as quais respondem àqueles que buscam um contato com outro humano e não o tratamento “autônomo” da dor. Sempre haverá esse lugar de falta naqueles que globalizam, totalizam, ignorando o lugar da palavra, do discurso, em cuja leitura a psicanálise se fundamenta.

IHU On-Line - Nessa mesma entrevista que nos concedeu, o senhor disse que hoje não se constroem mais catedrais, e sim *shoppings centers*. Como essa mudança de paradigma se reflete em nossa sociedade no âmbito psicanalítico?

José Zuberma - O sujeito histórico medieval acreditava certamente que seu destino se colocava em jogo no Juízo Final, no Céu. Nessa crença, fundamentava sua conduta que o fazia até padecer de fome para contribuir com a construção de sua Igreja. O sujeito contemporâneo tende a acreditar que seu destino já está escrito na bioquímica de sua célula, no seu DNA. Ele se desentende com sua pergunta como sujeito, acreditando que tudo já está geneticamente determinado. Se, como efeito do discurso capitalista, o sujeito se desentende com seu desejo, com sua pergunta, e se, como efeito do discurso capitalista, o objeto, causa de desejo, se torna objeto de consumo, não é incompreensível que o *shopping* seja sua Catedral. O *shopping* não é só

“O shopping não é só lugar de consumo, é também lugar de encontro em um espaço com música e ruído que geralmente relega o encontro com o outro para uma situação tão impessoal como o aeroporto”

lugar de consumo, é também lugar de encontro em um espaço com música e ruído que geralmente relega o encontro com o outro para uma situação tão impessoal como o aeroporto.

IHU On-Line - O hiperconsumo seria uma das patologias modernas?

José Zuberman - Totalmente. E a decepção que o novo objeto comprado causa gera mais consumo para recriar a ilusão. Deter-se nessa decepção e interrogá-la pode ser um momento fecundo para o sujeito. Se não puder interrogá-la, ele continua com esse hiperconsumo comprando, às vezes, até aquilo que não sabe nem como usar. Efeito de discurso do qual nenhum dos contemporâneos está livre.

IHU On-Line - O que significa a mudança do discurso do Amo para o discurso capitalista?

José Zuberman - Significa que o S1, o significante do Nome do Pai, não é o agente. Significa que o deslocamento do par ordenado S1-S2 rompe com a cadeia significante, a relação do sujeito com o desejo. No laço social, são relações que desconhecem o semelhante em sua qualidade de vizinho, professor, próximo. É a perda do valor da palavra que faz com que os vínculos se reduzam ao plano especular, com a agressividade que gera, como Lacan havia ensinado bem cedo, e sua sequência de assassinatos em escolas, em universidades ou na família. A vida sexual fica despida do desejo e do amor, como se pode constatar na pormenorizada oferta sexual que qualquer jornal publica. Nas consultas, como dizia antes, já não se consulta por causa dos sintomas, e sim pelos transtornos, padecimentos que são sofridos sem articular perguntas. Parte do trabalho de um analista, hoje, é levar esse paciente à condição de analisante.

IHU On-Line - Por que o discurso capitalista “forclui” as coisas do amor?

José Zuberman - O discurso capitalista quer ser a explicação de tudo. Assim como o racionalismo não quis reconhecer nada que excedesse a razão, nossos contemporâneos levantam um discurso econômico que daria respostas acabadas a toda inquietação e que se reflete tanto na planificação soviética como na neoliberal. A psicanálise não é uma concepção do mundo, não é uma cosmovisão nem uma filosofia que pretende explicar tudo. O analista interroga o saber do Outro. O complexo de castração freudiano já indicava que, para o humano, o “todo” não está ao seu alcance. A castração como operação simbólica, e não como fantasma, situa logicamente a impossibilidade do “todo”. Para que o amor seja possível, há sempre algum semelhante em posição de causa, que é preciso que se reconheça como tal. O amor é uma eficácia da castração simbólica que o discurso capitalista ignora. Assim é que a sexualidade aparece tão despida do amor, tão pobremente cotizado em nossa atualidade. O fato de que “as coisas do amor” se forcluem fica evidente no pouco espaço que a nossa sociedade deixa ao luto pelos entes queridos, para as alegrias de nascimentos, casamentos, celebrações diversas que, cada vez mais, são como trâmites ou consumos tipificados, em que qualquer sequência afetiva é desacreditada como mero sentimentalismo.

LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por José Zuberma à IHU On-Line:

* *O parricídio no Dostoiévski de Freud. Uma leitura psicanalítica.* IHU On-Line número 298, de 22-06-2009, disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1677&id_edicao=326

ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O IX SIMPÓSIO INTERNACIONAL IHU: ECOS DE DARWIN,

QUE ACONTECE DE 9 A 12 DE SETEMBRO.

FAÇA SUA INSCRIÇÃO AGORA: WWW.IHU.UNISINOS.BR

Não ceder de nosso desejo: responsabilidades do dizer e do fazer

POR MARIA MARTA HEINZ

“**O** enunciado Não ceder de nosso desejo”, escreve a psicanalista Maria Marta Heinz em artigo produzido especialmente para a IHU On-Line, “aponta para a questão da responsabilização do que se diz e do que se faz diante do outro, no laço social”. Refletindo sobre o questionamento introduzido por Lacan, ela diz “se pensarmos o desejo como diferente da vontade consciente, mas expresso em nossas ações e palavras, em nossos atos falhos e escolhas, introduzimos em nossa pretensa autonomia sua dimensão ilusória”. E explica: “Não ceder de nosso desejo seria responsabilizarmo-nos pelo que dizemos e fazemos, mesmo que nossos atos e palavras ultrapassem nosso controle consciente ou nossa vontade”. No texto a seguir ela adianta aspectos que serão abordados no Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?, quando coordenará a mesa 6, com a conferência de Hubert Ricard, O questionamento das aporias da ética.

Maria Marta Heinz possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialização em Clinicien de l'enfance et de l'adolescence pela Université Paris VII e mestrado em Educação pela UFRGS. Atua como psicanalista na equipe interdisciplinar da Fundação de Atendimento de Deficiência Múltipla (FADEM) e é membro da Escola de Estudos Psicanalíticos (EEP), onde desenvolve atividades de ensino e de pesquisa. Confira o artigo.

A questão ética que a psicanálise introduziu e em torno da qual sua prática se sustenta é aquela que diz respeito ao ser humano como ser desejante, determinado por sua verdade inconsciente, como Freud nos ensinou. E, ainda, como aprendemos com Lacan, uma ética referente ao *parlêtre*, sujeito constituído pela linguagem e cuja fala é enunciada de um lugar singular.

O enunciado *Não ceder de nosso desejo*, parece-me apontar para a questão da responsabilização do que se diz e do que se faz diante do outro, no laço social. Se pensarmos o desejo como diferente da vontade consciente, mas expresso em nossas ações e palavras, em nossos atos falhos e escolhas, introduzimos em nossa pretensa autonomia sua dimensão ilusória. *Não ceder de nosso desejo* seria responsabilizarmo-nos pelo que dizemos e fazemos, mesmo que nossos atos e palavras ultrapassem nosso controle consciente ou nossa vontade. Ante as

contrariedades e os constrangimentos da vida social, ante as leis que a regem, e - como nos fala Charles Melman em relação a uma nova economia psíquica - ante o apelo do consumo e do gozo sem limites, que marcam tão fortemente a sociedade em que vivemos, o sujeito posiciona-se com seu agir e suas palavras e tem responsabilidade, por isso, ante os outros.

Sujeito singular

De acordo com a ética da psicanálise, estamos sempre diante de um sujeito singular e de uma enunciação singular dirigida a outro, e nós mesmos também encontramos-nos nesta posição. Decorre disso uma dissimetria constitutiva na relação entre os seres que têm a linguagem como possibilidade de expressão e de representação e como acesso a essa alteridade que funda o sujeito.

O trabalho com a subjetividade para aqueles que intervêm no campo

da saúde, segundo a ética da psicanálise, abre-se na via da singularidade que a escuta psicanalítica implica, subvertendo o discurso científico médico que se apoia nos diagnósticos sempre generalizantes e que podem levar-nos a deixar de fora o sujeito singular. A responsabilidade em questão coloca-se no lado daquele que fala de seu sofrimento, mas igualmente no lado daquele que “se dá o trabalho” de escutar seu paciente em sua alteridade.

Penso que o colóquio em torno da questão da ética da psicanálise é central para nós hoje, pois nos deparamos com a dificuldade generalizada das pessoas para se responsabilizarem por seus atos e palavras, para comprometerem-se com suas escolhas. Quando trabalho com crianças e seus pais, ou ainda com professores, por exemplo, vejo que lhes oferecer a possibilidade de falar sobre o que vivem e de suas dificuldades para sustentar seus lugares traz consequências importantes em suas vidas.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

**PARTICIPE DO COLÓQUIO
INTERNACIONAL A ÉTICA DA
PSICANÁLISE: LACAN ESTARIA
JUSTIFICADO EM DIZER “NÃO
CEDAS DE TEU DESEJO”? [NE
CÈDE PAS SUR TON DÉsir]?
INSCRIÇÕES ABERTAS NO SITE
WWW.IHU.UNISINOS.BR**

Entrevista da Semana

Flores da Cunha: um compromisso com a democracia liberal

Na análise de Gunter Axt, a grande marca de Flores da Cunha foi o esforço no sentido de conciliar a forte tradição regionalista do Rio Grande do Sul com um decidido impulso desenvolvimentista

POR GRAZIELA WOLFART

Em 2009, lembramos os 50 anos da morte do general Flores da Cunha. Para repercutir a importância deste importante líder político gaúcho, a **IHU On-Line** entrevistou, por e-mail, o professor e pesquisador Gunter Axt. Em suas respostas, Gunter descreve a personalidade de Flores da Cunha: “ele era valente e fidalgo. Era homem de um tempo em que muitas coisas se resolviam mesmo à bala, em que a honra era fundamental e a autoridade se exercia com uma firmeza que hoje chocaria”. Para ele, “o Rio Grande de Flores da Cunha pretendeu dialogar com o País e o mundo, de forma progressista e proponente, mas sem abandonar a sua identidade já em processo de consolidação”. E, ao comparar o governo do general com o de Yeda Crusius, Axt dispara: “historicamente, dois Governos no Rio Grande do Sul foram capazes de equacionar o drama do déficit público com eficácia estrutural: o de Getúlio Vargas e o de Yeda Crusius”.

Gunter Axt possui graduação e mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado pela Fundação Getúlio Vargas - RJ. Atualmente, é pesquisador autônomo e diretor-gerente da Axt Consultoria Histórica Limitada e pesquisador associado da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: coronelismo, república velha, políticas públicas, transportes, política do Rio Grande do Sul e borgismo. Entre seus livros publicados, citamos: *Getúlio Vargas: a gênese de um mito* (Porto Alegre: Memorial do Rio Grande do Sul, 2008); e *Perfil Parlamentar de José Antônio Flores da Cunha* (Porto Alegre: ALRS/Corag, 1998). Ele é igualmente autor dos **Cadernos IHU Ideias** número 14, intitulado *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no Rio Grande do Sul*, disponível para *download* em <http://www.ihu.unisinos.br/uploads/publicacoes/edicoes/1163187029.91pdf.pdf> O site pessoal do professor é <http://www.gunteraxt.com/>. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual a importância de lembrar o nome de Flores da Cunha, passados 50 anos de sua morte? Qual seu principal legado para a cultura gaúcha e brasileira?

Gunter Axt - Eu tenderia a destacar três aspectos na experiência histórica vivida pelos governos de José Antônio Flores da Cunha¹ no Rio Grande do Sul, cujas consequências se desdobraram

¹ Sobre ele, leia box explicativo ao final desta entrevista. (Nota da IHU On-Line)

ao longo dos anos. Creio que a sua grande marca foi o esforço no sentido de conciliar a forte tradição regionalista do Estado com um decidido impulso desenvolvimentista. Esta fórmula fica muito clara, por exemplo, na Megaexposição de 1935, que homenageava a Revolução Farroupilha - já então tratada como uma espécie de mito fundante da identidade gaúcha, com evidentes traços regionalistas e rura-

listas -, e, ao mesmo tempo, emulava o progresso técnico e industrial. O Rio Grande de Borges de Medeiros² era ensimesmado, conservador e fechado ao

² **Borges de Medeiros** (1863-1961): Político gaúcho. Foi presidente do estado do Rio Grande do Sul, indicado por Júlio de Castilhos e procurou dar continuidade ao projeto político do castilhismo, do qual foi um dos maiores representantes e fiel executor do positivismo. Manteve-se no poder de 1898 até 1928 e sua única interrupção como governante ocorreu no quinquênio de 1908-1913. (Nota da IHU On-Line)

mundo exterior. O Rio Grande de Flores da Cunha pretendeu dialogar com o País e o mundo, de forma progressista e proponente, mas sem abandonar a sua identidade, já em processo de consolidação.

Um segundo aspecto que mereceria destaque foi a mudança na composição da aliança de frações de classe dominante que dava sustentação ao Governo. Essa mudança já se evidenciara durante o Governo Getúlio Vargas (1928-1930) e consolidou-se nos anos seguintes. O período borgista foi sustentado por uma aliança conservadora, acentuadamente mercantilista, cerzida, sobretudo, pela convergência dos interesses dos decadentes charqueadores, com os comerciantes e os financistas urbano-litorâneos, isto é, das cidades de Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, cujo processo de acumulação de capital foi artificialmente protegido pelo regime autoritário do PRR³. O Governo Flores da Cunha, ao contrário, aproximou-se efetivamente do nascente capital industrial de origem colonial, apoiando o que, na época, foi chamado de “o trabalho alemão” e “o trabalho italiano”. Foi um momento de grande valorização do imigrante no Rio Grande do Sul, cuja presença, durante o longo consulado castilhistaborgista, era apenas tolerada.

Finalmente, creio que merece registro o fato de que, muito embora Flores da Cunha flertasse com o carisma caudilhesco, seu compromisso efetivo acabou sendo com a democracia liberal. Bem, pelo menos com o que era possível com relação ao compromisso com esta agenda para a época. Flores quase apoiou a Revolução Constitucio-

nalista de 1932,⁴ cuja bandeira principal era a reconstitucionalização do País, e se opôs frontalmente ao projeto ditatorial de Getúlio Vargas⁵ a partir de 1935, sofrendo, por isso, um golpe em 1937, que o destituiu e o enviou para o exílio. Em seu governo, procurou dialogar com os segmentos produtivos do Estado e com as classes trabalhadores e esforçou-se por costurar uma fórmula parlamentarista, que ficou conhecida como o *modus vivendi*.

Em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, Flores dirigiu do exílio em Montevidéu um manifesto conclamando os correligionários a apoiarem a ditadura Vargas no esforço bélico para combater o horror da hecatombe nazista. Anticomunista, mas democrata, defendeu o direito à legalidade do Partido Comunista em 1947. Em 1955, ele rompeu com a UDN e renunciou à Presidência da Câmara Federal em protesto contra a tentativa de golpe contra Juscelino Kubitschek⁶. Mas antes, como Presidente da

4 A Revolução Constitucionalista de 1932, Revolução de 1932 ou Guerra Paulista, foi o movimento armado ocorrido no Estado de São Paulo, Brasil, entre os meses de julho e outubro de 1932, tendo por objetivo a derrubada do Governo Provisório de Getúlio Vargas e a promulgação de uma nova constituição para o Brasil. (Nota da IHU On-Line)

5 Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente República nos seguintes períodos: 1930-1934 (Governo Provisório), 1934-1937 (Governo Constitucional), 1937-1945 (Regime de Exceção), 1951-1954 (Governo eleito popularmente). Sobre Getúlio o IHU promoveu o Seminário Nacional A Era Vargas em Questão - 1954-2004, realizado de 23 a 25 de agosto de 2004. Paralela ao evento aconteceu a Exposição Eu Getúlio, Ele Getúlio, Nós Getúlios, no Espaço Cultural do IHU. A revista IHU On-Line publicou os seguintes materiais referentes a Vargas: edição 111, de 16 de agosto de 2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004* e a edição 112, de 23 de agosto de 2004, chamada *Getúlio*. Na edição 114, de 6 de setembro de 2004, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26 de agosto de 2004 o Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, da PUCRS, apresentou o IHU *Idéias Getúlio, 50 anos depois*. O evento gerou a publicação do número 30 dos *Cadernos IHU Idéias*, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, também de autoria de Juremir. Vale destacar o *Caderno IHU em formação* número 1, publicado pelo IHU em 2004, intitulado *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*. As versões eletrônicas encontram-se disponíveis no site www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

6 Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-

1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Sobre JK, confira a edição 166, de 28 de novembro de 2005, *A imaginação no poder. JK, 50 anos depois*, disponível para download na página do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Com a crise do atual governo do Rio Grande do Sul, qual a mensagem que seria interessante resgatar de Flores da Cunha da época em que foi governador do Estado?

Gunter Axt - Não sei se é possível buscar uma mensagem na história. Mas creio ser sempre possível identificar coincidências e descontinuidades entre períodos diferentes. Flores da Cunha e Yeda Crusius compartilham a coragem para enfrentar o grave problema do déficit público e de decomposição das finanças estaduais. Flores conseguiu conduzir o Rio Grande a um período de crescimento depois de estabilizar o drama financeiro do Estado, muito embora, verdade seja dita, a questão da pré-insolvência tivesse já sido equacionada em 1928 por Getúlio Vargas, por meio de um grande empréstimo de consolidação da dívida ruim, a curto prazo e juros elevadíssimos, que fora resultado do descontrole administrativo borgiano. Yeda Crusius parece ter tudo para conseguir o mesmo feito, se a crise econômica internacional e a crise política local não a atrapalharem. Eu diria que, historicamente, dois governos no Rio Grande do Sul foram capazes de equacionar o drama do déficit público com eficácia estrutural: o de Getúlio Vargas e o de Yeda Crusius. O Governo Flores, de 1930, foi em alguma medida, a continuação do Governo Vargas.

1976): médico e político brasileiro, conhecido como JK. Foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, sendo o responsável pela construção de Brasília, a nova capital federal. Sobre JK, confira a edição 166, de 28 de novembro de 2005, *A imaginação no poder. JK, 50 anos depois*, disponível para download na página do IHU, www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

7 Henrique Batista Duffles Teixeira Lott (1894-1984) foi um militar brasileiro e marechal do exército. Estudou na Escola Militar de Realengo. Sua formatura como aspirante a oficial foi em 1914. Foi adido militar do Brasil em Washington, Estados Unidos da América. Em 1944 chegou ao generalato. Na crise de 1954, quando as forças conservadoras à direita se opuseram ao sindicalismo à esquerda, assinou o documento em que os generais exigiam o afastamento de Getúlio Vargas do poder. (Nota da IHU On-Line)

3 Partido Republicano Rio-grandense (PRR) foi um partido político de motivação republicana do estado do Rio Grande do Sul. Foi fundado em 23 de fevereiro de 1882 por eminentes republicanos, entre eles Venâncio Aires, Júlio de Castilhos, Pinheiro Machado, Demétrio Ribeiro, Alcides Lima, Apolinário Porto Alegre, Ramiro Barcelos, Assis Brasil, José Pedro Alves e João Cezimbra Jacques. Uma corrente específica formou o castilhismo, que dominou a política gaúcha ininterruptamente entre 1893 e 1937. Seus principais adversários foram os maragatos, do Partido Federalista do Rio Grande do Sul de Gaspar Silveira Martins e Joaquim Francisco de Assis Brasil (antigo membro do PRR), contra os quais lutaram na Revolução Federalista e na Revolução de 1923. (Nota da IHU On-Line)

Flores, além disso, enfrentou as consequências da crise econômica mundial de 1929 e o esforço de guerra de 1930. Enfim, nos dois casos, o corajoso saneamento das finanças é ponto de partida para a chance de um surto de desenvolvimento real.

Outro aspecto em comum entre Flores e Yeda é que ambos têm personalidade forte e são capazes de declarações polêmicas. Além disso, ambos os governos foram sacudidos por escândalos e bombardeados por denúncias, sendo zurzidos por dura campanha oposicionista. A família Flores da Cunha, inclusive, chegou a ser implicada no assassinato do jovem jornalista Waldemar Ripoll, em Livramento, em 1934. Flores da Cunha foi o primeiro governador do Rio Grande do Sul a sofrer um processo de *impeachment*, drama que poderá também, eventualmente, atingir a governadora Yeda Crusius.

No entanto, significativas também são as diferenças entre ambos os governos. Flores da Cunha, por exemplo, foi um amante das artes, em especial da literatura francesa e do canto lírico. Seu Governo promoveu políticas públicas memoráveis na área da cultura, o que não acontece no Governo Yeda, em que a cultura foi para escanteio, com uma Secretaria anódina, rompendo com a longa tradição de excelência na gestão cultural dos gaúchos.

Veja, em 1935, o Governo apoiou aquela que foi uma das mais importantes temporadas líricas já vistas em Porto Alegre. Na oportunidade, apresentaram-se no São Pedro maestro, músicos e artistas de grandes centros do exterior. E isso não foi um simples evento, mas era uma política. Como mostrou Lauro Schirmer⁸ em seu livro recente, Flores chegou a programar a construção de um teatro municipal para Porto Alegre, uma ópera monumental projetada pelo célebre arquiteto Fernando Corona, inspirada no Solis de Montevideú. Mas o golpe de 1937 frustrou esta importante inicia-

8 O jornalista Lauro Schirmer faleceu no último dia 24 de julho de 2009, em sua residência, aos 80 anos. Era conselheiro do grupo RBS e diretor do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. É de sua autoria o livro *Flores da Cunha de corpo inteiro* (Porto Alegre: RBS Publicações, 2007). (Nota da IHU On-Line)

tiva. Ainda hoje, Porto Alegre segue sem um grande teatro com fosso de orquestra para abrigar óperas, lacuna que não será preenchida, aliás, nem mesmo pelo projeto do novo teatro da Ospa, o que é uma pena.

IHU On-Line - O senhor acredita que um dia poderemos ter novamente um líder como Flores da Cunha?

Gunter Axt - Não creio que tenhamos necessidade de líderes como aqueles nos tempos atuais. O mundo mudou e hoje os conceitos-chave passam pelas ideias de autonomia - individual, institucional e comunitária - e participação. Todos nós devemos ser líderes de nós mesmos, dar a nossa parcela de

“Flores da Cunha e Yeda Crusius compartilham a coragem para enfrentar o grave problema do déficit público e de decomposição das finanças estaduais”

contribuição ao processo democrático. Povos que sonham com o retorno taumaturgo de líderes espirituais, como os argentinos, com sua imortal Evita e seu eterno peronismo, atolaram no arcaísmo, sendo sequer capazes de entender as razões de seu atraso institucional e de sua decadência econômica. A democracia moderna é poliárquica, isto é, conhece inúmeros fóruns de poder e de participação cidadã, além dos clássicos poderes Executivo, Judiciário e Legislativo.

Creio que hoje o bom governante não é aquele que radicaliza posições e favorece a emergência de antagonismos, mas é aquele que sinaliza mediações e composições, sem jamais, entretanto, abrir mão da autoridade que lhe foi legitimada pelo processo

democrático, reunindo, sempre, como um facilitador, todos os recursos disponíveis, na esfera pública ou privada, que permitam, nos limites da lei, a implantação de políticas públicas objetivas, transparentes e capazes de concorrer para a construção de um ser humano melhor, mais feliz, mais culto e mais saudável. Ora, uma tarefa assim não se enfrenta sozinho e muito menos sem um debate público permanente e de qualidade. Democracia não é simplesmente o governo da maioria, nem tampouco é o governo de uma maioria bovinamente liderada por um taumaturgo anacrônico e populista; é, acima de todo, o governo que se dá com base no debate público.

Além disso, é forçoso que se diga que as lideranças dos anos 1930 e 1940 faziam coisas que hoje em dia não seriam toleradas. Veja, hoje estão questionando a instalação de câmeras de vigilância na rua onde está situada a residência particular da governadora Yeda, enquanto Flores da Cunha mandava instalar uma mesa de roleta dentro do Palácio Piratini! Eram outros tempos!

IHU On-Line - Como descrever a relação entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas?

Gunter Axt - Foi uma relação de parceria e de divergência. Flores e Getúlio integravam, ambos, as hostes do antigo Partido Republicano Rio-Grandense. Ambos defenderam Borges de Medeiros na Revolução de 1923⁹. Ambos se engajaram na Aliança Liberal em 1929 e combateram na Revolução de 1930. Flores foi Interventor no Rio Grande do Sul durante o Governo Provisório e, mesmo com certa reticência, esteve ao lado de Getúlio em 1932. Mas passou a divergir dele a partir de 1935, tendo sofrido duro combate, cujo corolário foi o golpe que o constrangeu a renunciar em 1937. Viveu cinco anos no exílio e, ao retornar ao País, foi preso por nove meses, período no qual

9 A Revolução de 1923 foi o movimento armado ocorrido durante onze meses daquele ano no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, em que lutaram, de um lado, os partidários de Borges de Medeiros (borgistas ou chimangos) e, de outro, os aliados de Joaquim Francisco de Assis Brasil (assisistas ou maragatos). (Nota da IHU On-Line)

se distraiu na prisão criando galinhas e escrevendo suas memórias sobre a Revolução de 1923, obra na qual denunciou o papel de Vargas na alquimia que fraudou o resultado das eleições de 1922, o que detonou a Revolução de 1923. Em 1945, filiou-se à UDN, partido de franca oposição a Getúlio. Em 1950, apoiou a candidatura de Eduardo Gomes à Presidência da República, derrotado por Getúlio Vargas. Em 1951, porém, apoiou o projeto de Vargas de criação de uma empresa petrolífera estatal. Flores, aliás, foi um intrépido nacionalista. Em 1948, combateu o monopólio da Bunge & Born na fabricação da farinha de trigo. Em 1935, esteve entre os fundadores da refinaria da Ipiranga em Rio Grande. Em 1954, com Oswaldo Aranha, esteve ao lado de Getúlio Vargas. Em 1958, mesmo sem estar oficialmente filiado ao PTB, foi eleito por esta legenda para a 4ª suplência na Câmara Federal e, pela licença dos três primeiros suplentes, acabou assumindo o mandato, que exerceu por um ano, antes de falecer, ou seja, no fim da vida, Flores se reconciliou com Getúlio.

IHU On-Line - Qual a participação de Flores da Cunha na Revolução de 1930?

Gunter Axt - Flores da Cunha, João Neves da Fontoura,¹⁰ Oswaldo Aranha¹¹ e Lindolfo Collor¹² estiveram na vanguarda da conspiração revolucionária que levou ao movimento de 3 de Outubro. Foram eles que empurraram Getúlio Vargas para a revolução e foram eles que romperam com as velhas

10 **João Neves da Fontoura** (1887-1963) foi advogado, diplomata, jornalista, político e escritor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

11 **Oswaldo Euclides de Sousa Aranha** (1894-1960): Foi um político e diplomata brasileiro, nascido em Alegrete (RS). Amigo e aliado de Getúlio Vargas, foi o grande articulador da campanha pela Aliança Liberal nas eleições e o principal artífice na Revolução de 1930. Em vista da vitória do movimento, Oswaldo Aranha negocia com a Junta Militar, no Rio de Janeiro, a entrega do governo a Vargas. Posteriormente, foi nomeado ministro da Justiça e, em 1931, ministro da Fazenda. Neste cargo, promoveu o levantamento de empréstimos que os Estados e municípios haviam contraído no estrangeiro, no período anterior a 1930, tendo em vista a consolidação global da dívida externa brasileira. (Nota da IHU On-Line)

12 **Lindolfo Collor**: Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, no período de 1930 a 1932. (Nota da IHU On-Line).

lideranças republicanas, notadamente com o conservador Borges de Medeiros. Embora Oswaldo e João Neves tenham sido de fato os grandes articuladores desta Revolução, Flores desempenhou, na conspiração, um papel de primeira grandeza, mais relevante, certamente, do que o do próprio Getúlio Vargas.

Com os filhos Antônio, José Bonifácio e Luís, e o companheiro Oswaldo Aranha, Flores da Cunha participou da tomada do Quartel General da 3ª Região Militar, em Porto Alegre, fato que detonou a Revolução de 1930, no dia 3 de outubro. Depois de cerca de 20 minutos de cerrado tiroteio, rendeu-se o General Gil de Almeida. Em seguida, Flores assumiu o comando de uma

“Flores da Cunha foi o primeiro governador do Rio Grande do Sul a sofrer um processo de *impeachment*, drama que poderá também, eventualmente, atingir a governadora Yeda Crusius”

unidade composta pelo 8º Regimento de Cavalaria do Exército, pelo 1º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar e por voluntários civis de Porto Alegre e de Rio Pardo, que seguiu para Itararé (SP), onde se juntou às tropas comandadas por Miguel Costa, então General das forças rebeldes. Flores acompanhou o ato de capitulação das forças governistas no dia 25 de outubro, em Sengés, no Paraná, e comemorou a vitória na Capital Federal ao lado de Getúlio Vargas.

IHU On-Line - O senhor leu a obra de Lauro Schirmer, *Flores da Cunha de corpo inteiro*? Como avalia o livro?

Gunter Axt - É obra de agradável leitura, muito bem escrita, que capta com maestria traços do espírito da época. Lauro foi feliz em trazer para o livro muito do anedotário sobre esta personagem fascinante. Não é um livro técnico, de historiador, recheado de referências às fontes e comprometido com a problematização de questões de escopo teórico, mas, certamente, é leitura recomendável a todos que se interessam pelas coisas do Rio Grande. Lauro Schirmer era homem de agradável convivência, amante das artes, das letras e da música. Foi um dos mais importantes jornalistas culturais do Rio Grande do Sul. A cultura e as letras do Estado perdem muito com o seu recente falecimento.

IHU On-Line - Quais os aspectos mais interessantes da biografia de Flores da Cunha que o senhor gostaria de destacar?

Gunter Axt - Nenhum outro personagem da história do Rio Grande do Sul se prestou tanto ao anedotário quanto Flores da Cunha. Há várias histórias jocosas sobre ele. Há, por exemplo, uma frase célebre, dita aos 78 anos de idade em resposta à pergunta de um repórter sobre como, depois de advogado de sucesso e fazendeiro rico, chegara ao fim da vida empobrecido: “Cavalos lerdos e mulheres ligeiras”, sintetizou ele, retratando bem um traço de sua personalidade: foi um sujeito mulhengo e jogador. Foi um grande turfista. E o que dizer daquela indefectível bengala, que volta e meia acertava a cabeça de algum desavisado que ousara enfrentá-lo? Não é divertido imaginar um político distribuindo bengaladas?

Flores era muito gauchão, muito machão. Não são muitos os civis que podemos imaginar comandando o ataque à Ponte do Ibirapuitã, na Revolução de 1923, gritando a impagável frase “Quem for homem que me siga!”, enquanto muitos tombavam, e ele próprio era ferido. E, quando Honório Lemes finalmente se rendeu e foi entregar suas armas a Flores, ele disse: “Guarda seu revólver, General”. Ele era valente e fidalgo. Era homem de um tempo em que muitas coisas se resolviam mesmo à bala, em

que honra era fundamental, e a autoridade se exercia com uma firmeza que hoje chocaria. Flores nomeava e demitia funcionários públicos, prendia e soltava pessoas. Assim como, quando Governador, mandou dar fuga para o Uruguai a um jovem jornalista, preso por subversão pela polícia de Getúlio e cuja integridade estaria ameaçada pelo temível Filinto Müller. Volta e meia mandava prender o coitado do cozinheiro do Palácio, seja por suspeitar que pudesse estar sendo vítima de envenenamento, seja por não ter apreciado o tempero, para, em seguida, tão logo ver-se sem jantar, mandar soltá-lo.

Há uma história, em especial, que aprecio. Foi-me narrada pelo saudoso Coronel José Luiz Silveira, o adorável Coronel Silverinha, que lutou nas Revoluções de 1923 e 1930: um bandido teria assaltado uma loja na Rua da Praia e subira a General Câmara, em fuga, tiroteando sem parar com soldados, que seguiam em seu encaço. Já na Rua Duque de Caxias, achando-se às portas do Piratini, foi encurralado pela guarda palaciana. Sem outra alternativa de evasão, enfrentou-a, desarmando os soldados e invadindo o Palácio! (Décadas mais tarde, aliás, o bandido Melara tentaria a mesma façanha, mas acabou invadindo o Hotel Plaza São Rafael, não conseguindo alcançar o Palácio). Atraído pelo tiroteio intenso, Flores da Cunha desceu do gabinete, pelas escadarias, armado e, ele, finalmente, rendeu o bandido. Ao invés de entregá-lo, contudo, à Justiça, fê-lo membro destacado de sua guarda pessoal, dizendo em alto e bom som que qualquer um com cora-

gem e destreza suficientes para desarmar a sua bem treinada guarda pessoal e invadir o Palácio, merecia trabalhar ao seu lado!

QUEM FOI FLORES DA CUNHA?

José Antônio Flores da Cunha, nascido em Santana do Livramento, aos 05 de março de 1880 e falecido em Porto Alegre, aos 04 de novembro de 1959, foi um político brasileiro, tendo sido governador do Rio Grande do Sul.

Estudou em São Paulo; depois, no Rio de Janeiro, onde se bacharelou em Direito em 1902. Após formado, atuou como delegado no Rio de Janeiro e como advogado em Santana do Livramento e Uruguiana. Em 1909, filiado ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), iniciou carreira política como deputado estadual. Começou seu primeiro mandato em 1912, eleito pelo Ceará. Em 1917, foi reeleito, desta vez pelo seu estado natal, renunciando ao mandato em 1920 para concorrer à prefeitura de Uruguiana. Em 1923, destacou-se como chefe militar legalista na luta que conflagrou o Rio Grande do Sul, opondo os partidários do governador Borges de Medeiros aos opositores liderados por Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Renovou seu mandato de deputado federal em 1924. Reeleito deputado federal em 1927, renunciou em 1928 para ser eleito senador. Atuou ativamente na Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas à chefia do país em novembro daquele ano. No dia 28 de novembro de 1930 foi nomeado interventor no Rio Grande do Sul. Ajudou a fundar o Partido Republicano Liberal (PRL), em novembro de 1932. Na Revolução Constitucionalista de 1932 permaneceu leal a Getúlio Vargas. Em abril de 1935 foi eleito governador do Rio Grande do Sul, exercendo o mandato até outubro de 1937. No mesmo ano da eleição, já como governador constitucional, começou a se afastar do presidente Vargas. Defensor do federalismo, atritou-se com os setores militares que defendiam a centralização do poder no governo federal. Em 1937, rompido com Vargas, foi forçado a deixar o governo gaúcho. Exilou-se, então, no Uruguai e só voltou ao Brasil cinco anos depois, durante a Segunda Guerra Mundial, quando cumpriu pena de nove meses na Ilha Grande, no Rio de Janeiro.

Em 1945, participou da fundação da UDN, legenda pela qual se elegeu deputado constituinte Nas eleições para sucessão de Vargas, faz campanha para o Brigadeiro Eduardo Gomes. Reelegeu-se deputado federal em outubro de 1950 e em outubro de 1954, sempre na legenda udenista. Assumiu a presidência da Câmara dos Deputados no dia 8 de novembro de 1955, substituindo o deputado Carlos Luz. Coordenou as sessões que garantiram a posse de Juscelino Kubitschek. No mesmo ano, rompeu com a UDN e renunciou à presidência da Câmara.

Em 1958, aos 78 anos de idade, foi eleito pelo PTB, mas morreu antes do fim do mandato. Foi sepultado em Santana do Livramento.

Participe dos eventos do IHU. Acesse a
programação no endereço
WWW.IHU.UNISINOS.BR

LEIA MAIS...

>> Gunter Axt concedeu as seguintes entrevistas à IHU On-Line:

* *O País não está produzindo líderes*, publicada na IHU On-Line, número 107, de 28-06-2004, intitulada *Leonel do Moura Brizola*, e disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158262919.68pdf.pdf>;

* *É preciso criticar o discurso político construído*, publicada na IHU-On-Line, número 78, de 06-10-2003, intitulada *Julio de Castilhos: um centenário*, e disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1161284031.93pdf.pdf>.

Brasil em Foco

Pandemias serão frequentes no mundo globalizado

Para enfrentar uma pandemia é fundamental a existência de um sistema de vigilância sanitária com base jurídica e um sistema de saúde universal, aconselha Sueli Dallari, doutora em Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP)

POR PATRICIA FACHIN

As pandemias são consequência do mundo globalizado e elas vieram para ficar, assegura Sueli Dallari, em entrevista concedida por telefone à **IHU On-Line**, ao repercutir a disseminação da Gripe H1N1. Segundo a pesquisadora da USP, “diversas vezes ocorreram pandemias, mas em muitos casos não tivemos a declaração oficial, porque havia interesse político para que isso não fosse declarado”. De acordo com ela, o atual Regulamento Sanitário Internacional, elaborado em 2005 pelos 193 Estados membros da Organização Mundial da Saúde (OMS), “define os graus de pandemias de maneira menos política”, o que facilita a caracterização das doenças.

Para tentar controlar a proliferação de doenças e micro-organismos, que tendem a aumentar nos próximos anos, Sueli Dallari diz que é preciso criar um sistema de vigilância com base material e jurídica e integrada. Ela explica: “Se um laboratório descobrir determinado vírus diferente, ele tem a obrigação de divulgar a informação. Esses novos dados nos permitem saber quando pode surgir uma nova epidemia”. Além disso, assegura, os países precisam pensar em leis para disciplinar como tratar novos casos de pandemias. “Os sistemas de vigilância devem ter normas jurídicas que permitam, por exemplo, fechar estabelecimentos comerciais”.

Sueli Dallari possui mestrado e doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado em Direito Médico pela Université de Paris XII, França e em Saúde Pública pela Columbia University, EUA. Foi professora convidada da Columbia University, da Université de Nantes e da Université de Paris X. Participou da fundação do Centro de Estudos e Pesquisas de Direito Sanitário e foi coordenadora científica do Núcleo de Pesquisas em Direito Sanitário da USP. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Por que as pandemias vieram para ficar? A que a senhora atribui o proliferamento de algumas doenças?

Sueli Dallari - A definição de pandemia ficou bastante clara a partir da publicação do novo Regulamento Sanitário Internacional de 2005,¹ que apresenta

¹ O Regulamento Sanitário Internacional (RSI) está em vigor nos 193 Estados membros da Organização Mundial da Saúde (OMS), desde 15 de Junho de 2007. Trata-se de um acordo internacional juridicamente vinculativo, que tem como objetivo a prevenção e o combate às ameaças de saúde pública mundial.

Aprovado na 58ª Assembleia Mundial de Saúde, de 23 de maio de 2005, o documento obriga, por exemplo, os países a notificar à OMS, num prazo máximo de 24 horas, qualquer surto de doença susceptível de contágio e que se possa propagar além das suas fronteiras. (Nota da IHU On-Line)

uma grande modificação em relação ao Regulamento Sanitário anterior. Ele define os graus de evolução das pandemias de maneira mais técnica e menos política, ou seja, ficou mais fácil e frequente caracterizar as pandemias a partir disso.

Diversas vezes, ocorreram pandemias, mas em muitos casos não tivemos a declaração oficial, porque havia interesse político para que isso não fosse declarado. A globalização é outro aspecto que nos dá certeza de que as pandemias vieram para ficar. Nunca tivemos a intensidade de relações globais como hoje. Isso faz com que também os micro-organismos trafeguem com mais facilidade.

IHU On-Line - Além da globalização, essas pandemias são decorrentes de um mundo sem controle?

Sueli Dallari - Não diria isso. As pandemias são decorrência da vida, ou seja, vamos estabelecendo mais relações uns com os outros, e a proliferação de doenças se torna inevitável.

Quando nos relacionamos com outras pessoas, trocamos bens e mercadorias, estamos sujeitos a trocar também micro-organismos e vivenciamos casos como esse da Gripe A (H1N1).

IHU On-Line - Pandemias como a gripe H1N1 podem ser previstas e evitadas? Como?

Sueli Dallari - Essa é uma resposta di-

fácil. Temo dizer que epidemias apenas podem ser previstas; hoje existem bons métodos epidemiológicos com os quais podemos supor, com boa margem de segurança, que haverá uma epidemia. Podemos tomar algumas medidas para tentar contê-las, mas garantir a eficácia é complicado. Também tenho receio em afirmar que não teremos mais pandemias se adotarmos medidas de cuidados. Temos de nos prevenir para evitar a proliferação, mas não acredito que conseguiremos evitá-las.

Prevenção mundial

Quando falo em tomar cuidado, penso que o mais importante é os países desenvolverem sistemas de vigilância em saúde muito bem estruturados, para que a informação circule com rapidez. Para termos qualquer possibilidade de controlar a expansão de uma doença, precisamos saber que ela existe. Então, a notícia de qualquer sinal precursor de um novo vírus precisa ser divulgada.

No Brasil, existem bons sistemas de vigilância, mas não temos um único sistema que consiga reunir todos os dados, como acontece nos países mais desenvolvidos. Eles, inclusive, estão criando agências de vigilância sanitária. O acontecimento de 11 de setembro de 2001 facilitou a evidência dessa necessidade.

Precisamos também que esse sistema de vigilância tenha uma base legal, isto é, se um laboratório descobrir determinado vírus diferente, ele tem a obrigação de divulgar a informação. Esses novos dados nos permitem saber quando pode surgir uma nova epidemia.

Os sistemas de vigilância devem ter uma construção legal, que preveja os mecanismos necessários para, por exemplo, fechar um estabelecimento comercial em decorrência da ameaça de contágio de doenças. É preciso que exista uma previsão, escrita na lei, para dar maior segurança às pessoas e aos gestores de saúde quanto ao modo de proceder diante das epidemias.

Os epidemiologistas que estão tratando da gripe A no Brasil, são bem formados e estão trabalhando do

modo correto, mas, sem dúvida alguma, é hora de começarmos a pensar numa disciplina legal para tratar esses casos. Não sei se as próximas epidemias serão tão fáceis de administrar; talvez elas impliquem fechar fronteiras e outras ações que terão repercussão econômica.

IHU On-Line - É possível estabelecer uma estrutura de segurança sanitária no mundo globalizado? Que aspectos legais são necessários para tal medida?

Sueli Dallari - O Regulamento Sanitário Internacional de 2005 representa essa regulamentação universal. O mundo pensou e fez um regulamento muito bem feito. O que falta é uma medida interna no Brasil. A declaração dessa pandemia foi feita de acordo com o Regulamento Sanitário vigente, como o mundo concordou que deveria ser.

IHU On-Line - O que as pandemias revelam sobre os sistemas de saúde pública dos países em desenvolvimento e sobre a Organização Mundial da Saúde (OMS)?

Sueli Dallari - Parece-me muito mais fácil imaginar que será nos países que têm o sistema de saúde mais frágil, onde as pessoas demoram mais para receber atendimento eficiente, que as epidemias serão mortais. É claro que, em alguns casos, a doença é fulminante. Nessa hipótese, mesmo que o serviço seja muito rápido, pessoas vão morrer devido à gravidade do caso.

Comportamento da OMS

O comportamento da OMS foi pífio em relação ao tratamento da gripe A. Essa é uma das pouquíssimas organizações internacionais que têm poder normativo, ou seja, ela decide as normas da saúde. Além de ter muita força, a OMS foi criada para ajudar os países a diminuir as ameaças de riscos para a saúde de seu povo. No caso específico da Gripe A (H1N1), a opção da OMS foi ruim, porque ela disse que a maneira de enfrentar essa epidemia era tratá-la com um antiviral. Ora, ela sabe que só existe um laboratório produzindo esse medicamento no mundo, que

nunca terá condições de atender a demanda. Se ela está convencida de que essa é a única solução, deveria, imediatamente, ter quebrado a patente para que o medicamento fosse produzido no mundo inteiro.

IHU On-Line - De que maneira o Direito Sanitário pode atuar como instrumentos de proteção à saúde? Ele pode evitar uma pandemia?

Sueli Dallari - Talvez o Direito Sanitário não possa evitar uma pandemia. Ele pode, contudo, ajudar a construir um sistema jurídico de vigilância à saúde para essas hipóteses de pandemia. Esse é um assunto fundamental para tratar o que vem por aí.

IHU On-Line - Como mídia e governos podem ajudar a enfrentar a pandemia sem alarmismo e sem incorrer em omissão?

Sueli Dallari - As medidas adotadas no Brasil são muito adequadas. Acho que o país não está alarmado. O governo está trabalhando com segurança e evitando assustar as pessoas. Não consigo imaginar uma atitude mais prudente do que essa.

IHU On-Line - Hoje as pessoas sentem mais medo em relação às doenças do que no passado? Com o desenvolvimento tecnológico que existe atualmente, isso representa um paradoxo?

Sueli Dallari - Não sei se poderíamos combater a gripe tão rapidamente. Mesmo no Hemisfério Norte, onde se tem acesso mais fácil à saúde como no Canadá, na Inglaterra, morreram pessoas com A (H1N1). Existem situações em que o Estado não pode fazer nada ou quase nada. Dependendo da virulência do agente, não é possível conseguir impedir mortes. No Brasil, por exemplo, nosso sistema de saúde melhorou muito nos últimos 20 anos, mas muitas pessoas não conseguem obter um atendimento médico eficaz. No contexto do que se tem, o Brasil está agindo da melhor forma possível. Hoje, não estamos sofrendo de falta de medicamento, por exemplo, pois ele foi comprado da Roche quando houve a ameaça da gripe aviária.

Doenças infecciosas: a primeira urgência internacional

Segundo Deisy Ventura, professora de Relações Internacionais da USP, estudo da Comissão Européia revela que as doenças infecciosas constituem a primeira urgência internacional, ultrapassando o terrorismo

POR PATRICIA FACHIN

“O medo é um sentimento mais contagioso que qualquer vírus”, assegura Deisy Ventura à IHU On-Line, em entrevista concedida por e-mail. Professora de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP), a pesquisadora explica que o mundo pós 11 de setembro ficou mais amedrontado e com a evolução de pandemias, “o terreno do medo passa a ser fértil para a estigmatização de estrangeiros”. A mobilização social fundada no medo, menciona, “tão contagiosa quanto as doenças infecciosas, mostra-se incompatível com a democracia, e produz efeitos nefastos a médio e longo prazo”.

Ao comentar o abismo ao acesso a medicamentos em países pobres e desenvolvidos, Deisy Ventura recorda o romance de Albert Camus, *A peste*, de 1947, onde o escritor e filósofo nascido na Argélia diz: “Enquanto a peste, pela imparcialidade eficaz que trazia em sua obra deveria ter reforçado a igualdade entre os cidadãos, pelo jogo normal dos egoísmos, ao contrário, ela tornava mais agudo no coração dos homens o sentimento de injustiça. Restava, evidentemente, a igualdade impecável da morte, mas esta ninguém queria”.

Deisy Ventura é mestre em Direito Comunitário e Europeu e doutora em Direito Internacional da Universidade de Paris 1. Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Direito na Unisinos e professora adjunta e Pró-Reitora de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Guerras, conflitos políticos e ataques terroristas já contribuem para a cultura do medo na sociedade contemporânea. De que maneira as pandemias colaboram para reforçar essa cultura do medo?

Deisy Ventura - Tanto na exceção securitária quanto na sanitária pode haver um “inimigo comum” que seria identificado como o portador do mal. Nas doutrinas de segurança nacional, é fácil rotular o “comunista” ou o ator “ideológico” (sendo o Estado supostamente “neutro”). No mundo pós 11 de setembro, teme-se a população muçulmana, como se não existissem outros fundamentalismos, religiosos ou não. Em relação à peste, ela parece, de início, uma abstração. Mais adiante, com a evolução da pandemia, o terreno do medo passa a ser fértil para a estigmatização de estrangeiros (os mexicanos no início do surto de gripe A, por exemplo, discriminados nos Estados Unidos

como “responsáveis” pela epidemia), de grupos de risco (como no caso da AIDS em relação aos homossexuais) ou de profissões (carreiras da saúde; ou pessoas que trabalham em criação de animais, no caso das gripes “aviária” e “porcina”). Salta aos olhos que a mobilização social fundada no medo, tão contagiosa quanto as doenças infecciosas, mostra-se incompatível com a democracia, e produz efeitos nefastos a médio e longo prazo. Por outro lado, tanto o combate contra o terrorismo como a luta contra as pandemias constituem um valor agregado significativo para duas das mais importantes indústrias no plano mundial: a armamentista e a de medicamentos.

IHU On-Line - Pensando em relações internacionais, quais eram e quais são os principais medos entre indivíduos de países diferentes?

Deisy Ventura - A estratégia política im-

plementada pelo governo dos Estados Unidos depois de 11 de setembro fez com que o terrorismo assumisse a face do mal no século XXI, e a obsessão securitária marcasse a cena internacional. Estamos em pleno momento de reversão deste quadro, embora numerosos estigmas, sobretudo os que concernem às populações muçulmanas, tendam a persistir, desafortunadamente, por longo período. Em relação às pandemias, no entanto, há um imenso desnível entre a opinião pública e a dos especialistas. Segundo um estudo da Comissão Européia, no qual foram entrevistadas centenas de profissionais de diversas áreas e nacionalidades, as doenças infecciosas constituem a primeira urgência internacional, maior até que o terrorismo. Para Emilio Mordini,¹ paradoxalmente, todos, menos o “grande público”, estão conscientes das possíveis consequências de uma epi-

¹ Emilio Mordini: professor de Bioética e diretor do Centro para a Ciência, Sociedade e Cidadania, de Roma. (Nota da IHU On-Line)

demia de gripe que supostamente seria capaz de fazer mais vítimas do que a gripe espanhola de 1918.

IHU On-Line - É possível estabelecer uma estrutura prática de segurança sanitária no mundo globalizado? Que aspectos são necessários para tal medida?

Deisy Ventura - Esta é a função precípua da Organização Mundial da Saúde, OMS, particularmente no que tange à aplicação do Regulamento Sanitário Internacional (RSI). Elaborado em 1951, o RSI foi revisado em 2005, e seu novo texto entrou em vigor em 15 de junho de 2007. O RSI deveria ter permitido a implantação de um sistema de vigilância capaz de evitar a propagação de doenças, principalmente por meio da notificação obrigatória da presença de enfermidades nos Estados-membros, da adoção de medidas de controle do transporte internacional de pessoas e de mercadorias, e da ampla difusão de informações sobre as doenças. No entanto, ainda está muito distante a implementação completa dos dispositivos criados pelo RSI. De modo geral, o desempenho da OMS está muito aquém da premência forjada pela desigualdade mundial no acesso aos bens da vida. Desprovida de apoio suficiente por parte dos Estados - logo, política e institucionalmente débil em relação às outras organizações, como, por exemplo, a Organização Mundial do Comércio (OMC) -, a OMS tem se mostrado permeável aos interesses da indústria de medicamentos e hesitante no exercício do direito internacional de ingerência sanitária que o RSI lhe confere.

IHU On-Line - Hoje as pessoas sentem mais medo em relação às doenças do que no passado? Com o desenvolvimento tecnológico que existe atualmente, isso representa um paradoxo?

Deisy Ventura - O medo é um sentimento mais contagioso que qualquer vírus, altamente estimulado pela cultura da insegurança em que vivemos, constituindo, a um só tempo, causa e consequência do agudo individualismo de nossa época. Pouco adianta o desenvolvimento tecnológico quando

apenas uma minoria tem acesso a ele. Ademais, são tão vastos os contingentes populacionais desprovidos deste acesso que o isolamento dos privilegiados, salvo em caso de reclusão absoluta, torna-se impossível. A saúde e a segurança pública são os campos de “contágio” inevitáveis entre ricos, remediados e pobres, pela via do risco de doença ou violência. Ambos dependem da atuação do Estado, pelo que nem a saúde nem a segurança podem ser pensados estritamente no plano individual. Em outras palavras, enquanto o Estado e o poder econômico incentivarem o sentimento de insegurança e o individualismo, e reproduzirem a segregação social no combate às no-

“Para Emilio Mordini, paradoxalmente, todos, menos o ‘grande público’, estão conscientes das possíveis consequências de uma epidemia de gripe que supostamente seria capaz de fazer mais vítimas do que a gripe espanhola de 1918”

vas ameaças da contemporaneidade, o medo não será um sentimento contraditório ao avanço da tecnologia.

IHU On-Line - O que a gripe A (H1N1) tem despertado no imaginário social? Qual sua interpretação em relação ao isolamento e ao medo das pessoas diante da doença?

Deisy Ventura - As pestes são cíclicas na história da humanidade e, portanto, constituem um elemento profundamente incrustado no imaginário social. O que varia historicamente é o tipo de peste e a figura do pestilento, que corresponde a

certos rótulos sociais a cada época. Pensar nas outras epidemias em pleno curso em diversos locais do mundo, como a tuberculose, que é uma “doença de pobres”, ajuda a traçar algumas diferenças importantes em relação às pandemias gripais recentes. Para Klaus Theweleit, existem as epidemias eletronicamente difundidas e organizadas pelos meios de comunicação, causando certos sintomas “histórico-históricos”. Ora, o fato de que existam realmente é uma grande vantagem a seu favor, mas não uma condição necessária à virtualidade que marca o espaço público do nosso tempo.

IHU On-Line - Como a senhora avalia o tratamento das pandemias pela mídia? Os meios de comunicação exageram nas coberturas e contribuem para gerar pânico na sociedade? É possível tratar de um caso como o da gripe A sem gerar alarmismo e omissões?

Deisy Ventura - De modo geral, a cobertura das questões políticas e sociais feita pelas grandes empresas de comunicação que atuam no Brasil caracteriza-se pelo histrionismo, pelo reducionismo e pelo partidarismo. Refiro-me ao histrionismo no sentido de espetacularização, de fazer tudo que possa atrair a atenção para si, construindo uma sorte de dramaturgia de cada episódio divulgado e, não raro, centrifugado à exaustão. Sob o pretexto de tornar acessível a informação ao grande público, qualquer conhecimento em jogo para compreender a informação transmitida também é reduzido, fragmentado e pasteurizado, além de situado nos campos do bem ou do mal. E o pior é que o bem e o mal são ditados por meios de comunicação partidários, não necessariamente no sentido de que filiam-se a um partido, mas de que estas empresas não somente defendem os interesses do poder econômico, como constituem uma parte importante do poder econômico no Brasil. Não há dúvidas de que o papel dos meios de comunicação no combate às pandemias é crucial, e sobre o quanto é tênue a fronteira entre a informação sobre a gravidade de uma situação e a disseminação do pânico. Não consigo, porém, ver na grande

“Enquanto o Estado e o poder econômico incentivarem o sentimento de insegurança e o individualismo, e reproduzirem a segregação social no combate às novas ameaças da contemporaneidade, o medo não será um sentimento contraditório ao avanço da tecnologia”

mídia - que mantém a maioria da população entretida com a vida privada de celebridades descerebradas, o comércio cultural de baixo calão ou com a exploração grotesca de toda sorte de infâmia - um aliado à altura dos tremendos desafios que a progressão da pandemia gripal, se de fato ocorrer, trará à sociedade brasileira.

IHU On-Line - Quais são os riscos de uma pandemia para a sociedade mundial? Como o assunto é tratado internacionalmente?

Deisy Ventura - Uma pandemia só pode ser tratada internacionalmente porque ela é justamente um fenômeno patológico que alcança simultaneamente um grande número de pessoas, numa zona geográfica muito vasta. Tanto a pandemia como a epidemia consistem num forte aumento de casos de uma dada enfermidade. Porém, a pandemia diferencia-se da epidemia justamente por sua maior dimensão, seja por sua propagação territorial, seja pela gravidade da ocorrência, o que resulta num número expressivo de casos severos ou mortes, em também numerosos países. A substituição de uma palavra pela outra, no jargão das organizações internacionais, por si só denota o desejo de chamar a atenção para a comunhão de destino que caracteriza a sociedade de risco: há um salto já na origem etimológica dos termos, passando daquilo que circula entre o povo de um lugar (epidemia) àquilo que concerne toda a gente (pandemia). A atual aceleração geométrica da circulação de pessoas e de bens dificulta a delimitação do território atingido, pelo que a redução dos intervalos entre as pandemias vincula-se fortemente à evolução contemporânea da globalização econômica, pela velocidade presente de

todos os intercâmbios.

IHU On-Line - O que as pandemias revelam sobre os sistemas de saúde pública dos países em desenvolvimento e sobre a Organização Mundial da Saúde (OMS)?

Deisy Ventura - Embora existam muitas diferenças entre os sistemas dos países desenvolvidos e os em via de desenvolvimento, no caso das pandemias creio que as mais destacadas são três. Há o tempo que precede o atendimento e que implicará, nos países em via de desenvolvimento, um número de mortes bem maior do que aquelas que o vírus mataria independentemente de tratamento. Há também as condições de saúde da população: pessoas que alimentam-se de modo inadequado, e ademais residem em locais desprovidos de saneamento básico ou em habitações promíscuas encontram-se, obviamente, em situação de maior suscetibilidade quanto ao contágio e em desvantagem clara no que atine à eficácia do tratamento. A propósito, e finalmente, quanto ao acesso a medicamentos, especificamente, entre os países ricos e os menos avançados (aqueles que não dispõem de condições de adquirir os medicamentos ou as vacinas necessários) há um verdadeiro abismo. O que lembra o genial romance de Albert Camus (*A Peste*, de 1947): “As famílias pobres encontravam-se, assim, numa situação muito penosa, mas às famílias ricas quase nada faltava. Enquanto a peste, pela imparcialidade eficaz que trazia em sua obra deveria ter reforçado a igualdade entre os cidadãos, pelo jogo normal dos egoísmos, ao contrário, ela tornava mais agudo no coração dos homens o sentimento de injustiça. Restava, evidentemente, a igualdade impecável da morte, mas esta ninguém queria”.

ACESSE OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE.



ELAS ESTÃO DISPONÍVEIS NA PÁGINA ELETRÔNICA WWW.IHU.UNISINOS.BR

Teologia Pública

Equilíbrio entre expressões ingênuas e ousadas

Poetas e romancistas apresentam desafios e abrem novas fronteiras para o fazer teológico, escreve Carlos Caldas, doutor em Ciência da Religião

POR PATRÍCIA FACHIN

“**A** Literatura pode oxigenar a reflexão teológica, e a Teologia pode apresentar questões que a crítica literária tradicionalmente ignora”, assinala Carlos Caldas, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, ao refletir sobre o diálogo possível entre as áreas. Segundo ele, expressões literárias apontam para a “saúde e sede que o ser humano tem em relação a Deus”. Nesse sentido, exemplifica, a Bíblia é sublime: “As narrativas são escritas com uma sutileza que não tem paralelos em nenhuma outra manifestação literária, antiga ou contemporânea”. E complementa: “A poesia bíblica, presente nos Salmos ou em Jó, apresenta profundezas da alma humana com toda sua complexidade, de modo mais denso”.

Carlos Caldas é graduado em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul, de São Paulo, em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caratinga e doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente, é pesquisador na Universidad Bíblica Latinoamericana, em San José, Costa Rica, e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as possibilidades teórico-metodológicas de articulação entre Teologia e Literatura?
Carlos Caldas - Várias. Não há uma única. Dentre tantas, pode-se citar a chamada “teologia da cultura”, desenvolvida por Paul Tillich,¹ o conhecido teólogo luterano germano-americano. A teologia da cultura de Tillich é uma espécie de método “pergunta-resposta”, que parte do seguinte pressuposto: a cultura trata da vida e apresenta as questões que envolvem a existência, enquanto a Teologia apresenta as respostas;

¹ Paul Tillich (1886-1965): teólogo alemão, que viveu quase toda a sua vida nos EUA. Foi um dos maiores teólogos protestantes do século XX. É autor de uma importante obra. Entre os livros traduzidos em português, podem ser consultados *Coragem de Ser* (Editora Paz e Terra, 2001) e *Amor, Poder e Justiça* (Editora Cristã Novo Século, 2004). (Nota da IHU On-Line)

outra possibilidade é trabalhar com base na doutrina da “graça comum”, desenvolvida pela vertente reformada da teologia protestante. Parte do pressuposto que a graça de Deus se manifesta na cultura humana, o que envolve as artes em geral, o que inclui evidentemente a Literatura. Uma variação desta possibilidade é a assim chamada “referencialidade” - *allusiveness* - desenvolvida por Calvin Seerveld, filósofo norte-americano de origem holandesa. Ele é especialista em estética filosófica. Seu princípio é de que as artes - e a Literatura - apontam para algo que as transcende. Daí é possível ver nas artes e na literatura sinais, indícios, alusões ou referências ao transcendente, ao reino de Deus. Ainda é possível citar a intertextualidade como possibilidade teórico-metodológica em vários teóricos

da intertextualidade, como Bakhtin² e Julia Kristeva³, podendo-se ver como textos bíblicos influenciaram diversos autores, ao longo dos séculos. Em al-

² Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975): linguista russo. Seu trabalho é considerado influente na área de teoria e crítica literária, análise do discurso e semiótica. Bakhtin também é considerado filósofo da linguagem, e sua linguística é uma “trans-linguística” porque ultrapassa a visão de língua como sistema. Isso porque, para Bakhtin, não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise linguística deve incluir fatores extralinguísticos como contexto de fala, intenção do falante, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico. Alguns conceitos fundamentais de Bakhtin são o dialogismo, a polifonia, a heteroglossia e o carnavalesco. Entre suas obras, destacamos *Problemas da poética de Dostoiévski* (2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997). (Nota da IHU On-Line)

³ Julia Kristeva (1941): filósofa, crítica literária, psicanalista e feminista búlgaro-francesa. Tornou-se influente em teoria da cultura e feminismo após a publicação de *Séméiôtiké: recherches pour une sémanalyse* (Paris: Edition du Seuil, 1969). (Nota da IHU On-Line)

guns casos, a intertextualidade está explícita. Veja-se como exemplo *O operário em construção*, de Vinicius de Moraes,⁴ intertexto claríssimo com a narrativa da tentação de Jesus no deserto (Mateus 4:1-11 e Lucas 4:1-13). O mesmo pode ser encontrado em muitos outros poetas brasileiros, seja Gregório de Matos⁵ no século XVII ou Jorge de Lima⁶ no século XX. Nessa perspectiva, não se pode esquecer a obra seminal do já falecido Northrop Frye, crítico literário canadense, autor de *Código dos códigos* (*The Great Code*). Frye demonstra de maneira extremamente competente como a Bíblia é o “grande código” de toda a cultura ocidental. Por mais secularizada que seja a cultura ocidental (especialmente no mundo do Atlântico Norte), não se poderá jamais esquecer que a Bíblia é de fato a base de toda esta cultura. Daí obrigatoriamente se encontrarão muitas manifestações de intertexto entre obras literárias de autores “canônicos” e o texto bíblico.

Independentemente do método que se utilize, não se pode esquecer que trabalhar com Literatura e Teologia, como interlocutoras de um diálogo acadêmico, é trabalhar na interface de dois saberes distintos. Não é uma tarefa fácil. Há de se conhecer, um pouco mais que apenas minimamente, os dois campos. E há que se enfrentar desconfiança e resistência de especialistas em um ou outro campo, que pode considerar este trabalho de interface como uma espécie de promiscuidade intelectual, o que não é de modo algum verdade. Mas é um desafio tremendo e fascinante fazer Teologia, utilizando a Literatura como parceira de diálogo, e não a Filosofia, como tem sido por séculos.

4 Vinicius de Moraes (1913-1980): diplomata, dramaturgo, jornalista, poeta e compositor brasileiro. Ficou conhecido como “poetinha” e notabilizou-se pelos seus sonetos. Sua obra é vasta, passando pela Literatura, teatro, cinema e música. (Nota da IHU On-Line)

5 Gregório de Matos e Guerra (1636-1696): advogado e poeta brasileiro da época colonial. É considerado um dos maiores poetas barrocos do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

6 Jorge Mateus de Lima (1893-1953): político, médico, poeta, romancista, biógrafo, ensaísta, tradutor e pintor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

“Neste balanço, encontra-se a tremenda singularidade da Bíblia enquanto obra literária. Sem abrir mão do aspecto teológico propriamente do texto bíblico, qual seja, revelação de Deus aos homens”

IHU On-Line - Como essa relação entre ambas as áreas se desenvolveu ao longo do tempo? Em que medida a Literatura abre espaço para reflexões teológicas?

Carlos Caldas - A relação entre Teologia e Literatura é relativamente recente. Durante séculos, a Filosofia tem sido por excelência a *ancilla theologiae*, a “serva da Teologia”, isto é, a ferramenta teórica auxiliar empregada para a construção do edifício teológico. Diferentes filosofias utilizadas vão gerar diferentes compreensões da Teologia. Tanto quanto se tem notícia, a primeira manifestação explícita de articular Teologia e Literatura é data dos anos de 1930, com a obra de Romano Guardini⁷ (1886-1968), teólogo alemão de origem italiana. Já naquela época Guardini escreveu sobre elementos religiosos presentes na *Literatura de Dostoiévski*.⁸ No Brasil, os

7 Romano Guardini (1885-1968): teólogo, filósofo e pedagogo italiano. Lecionou na Universidade de Bonn e na Universidade de Berlim, onde permaneceu até a década de 1930. Em 1945, reassumiu na Universidade de Tübingen, passando, pouco depois, à de Munique. Escreveu muitas obras, entre elas, *De La Mélancolie*, traduzida por Jeanne Ancelet-Hustache, (Paris: Points, 1953), e *La Fin des temps modernes* (Paris: Seuil, 1952). (Nota da IHU On-Line)

8 Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa,

pioneiros desta reflexão são Antonio Manzatto,⁹ professor na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção em São Paulo, e o recentemente falecido José Carlos Barcellos,¹⁰ que lecionou na Universidade Federal Fluminense, em Niterói (RJ).

A Literatura tem a capacidade de abrir novas fronteiras para a reflexão teológica. Poetas e romancistas não raro podem perceber o que teólogos nem sempre têm sensibilidade para perceber. E assim apresentam novos desafios e abrem novas fronteiras para o fazer teológico.

IHU On-Line - Em que áreas da Literatura as expressões do divino aparecem mais frequentemente?

Carlos Caldas - Não há uma resposta pronta para esta pergunta. Vai depender de quem escreveu. Não é possível sair por aí como um desvairado e encontrar elementos do religioso e do sagrado em toda e qualquer expressão literária. Há textos literários que definitivamente não servem para um diálogo com a Literatura. Mas há também autores que são sensíveis o bastante para veicular conteúdos religiosos e teológicos em sua produção, explícita ou implicitamente. Fernando Pessoa¹¹ e alguns de seus heterônimos, Adélia Prado aqui no Brasil, são alguns exem-

intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*. (Nota da IHU On-Line)

9 Confira uma entrevista com Manzatto na edição 299, de 06-07-2009. Ela está disponível no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_destaque_semana&Itemid=24&task=lista&idedit=11. (Nota da IHU On-Line)

10 José Carlos Barcellos: um dos pioneiros em estudar o diálogo entre Teologia e Literatura, Barcellos era doutor em Letras pela USP e em Teologia pela PUC-Rio, sendo por muitos anos professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense. Barcellos foi entrevistado na edição número 178, de 02-05-2006, intitulada *Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*, disponível no link <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158353886.3word.doc>. Ainda sobre ele, publicamos a editoria Memória com Paulo Soethe, na edição número 251, de 17-03-2008, intitulada *O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia*. Acesse no link http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=935&id_edicao=279 (Nota da IHU On-Line)

11 Fernando Pessoa (1888-1935): escritor português, considerado um dos maiores poetas de língua portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

plos. Sem falar de muitas letras da Música Popular Brasileira. Um único exemplo, quando em *Índios*, Renato Russo exclamava:

Quem me dera, ao menos uma vez,
Entender como um só Deus ao mesmo
tempo é três
E esse mesmo Deus foi morto por vocês -
É só maldade então, deixar um Deus tão
triste [...]

Quem me dera, ao menos uma vez,
Fazer com que o mundo saiba que seu
nome
Está em tudo e mesmo assim
Ninguém lhe diz ao menos obrigado...

Difícilmente se encontrará a
expressão mais explícita do anseio
humano pelo divino que nesta poesia.

IHU On-Line - Que expressões são essas e o que elas revelam sobre a curiosidade humana em relação a Deus?

Carlos Caldas - Penso que a pergunta já é a resposta: expressões literárias, de natureza poética ou não, que apontam para a curiosidade, e mais que isso, a saudade e a sede que o ser humano tem em relação a Deus. Tais expressões podem ser vistas tanto em um Guimarães Rosa,¹² que apresenta uma sensibilidade enorme em relação ao transcendente, como em um Graciliano Ramos,¹³

¹² João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, *Primeiras estórias* (1962). A edição 178 da IHU On-Line, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*. De 25 de abril a 25-05-2006 o IHU promoveu o Seminário Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas. (Nota da IHU On-Line)

¹³ Graciliano Ramos (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como *Vidas Secas* e *Memórias do cárcere*. A obra *Vidas Secas* foi o objeto de estudo do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, de 17-06-2004. Quem conduziu o debate foi a Prof^a

que se declarava ateu. Em Guimarães Rosa, encontramos uma busca perene do ser humano.

IHU On-Line - Como a Literatura age, sendo interlocutora no processo de construção teológica?

Carlos Caldas - A Literatura pode oxigenar a reflexão teológica, e a Teologia pode apresentar questões que a crítica literária tradicionalmente ignora. Uma crítica literária de corte mais positivista, por exemplo, ou de inspiração marxista, não vai considerar de modo algum nenhuma dimensão transcendental no texto literário. Evidentemente, uma leitura desta natureza deixará a crítica literária mais pobre. Assim, um campo do saber colaborará com o outro.

IHU On-Line - Podemos comparar a Bíblia a obras literárias famosas? Qual é a singularidade da Bíblia como obra literária?

Carlos Caldas - Sim. A Bíblia, literariamente falando, é simplesmente surpreendente e sublime. As narrativas são escritas com uma sutileza que não tem paralelos em nenhuma outra manifestação literária, antiga ou contemporânea. O narrador bíblico contava suas histórias de modo extremamente inteligente. A poesia bíblica, presente nos Salmos ou em Jó (além de outros textos), apresenta as profundezas da alma humana com toda a sua complexidade, de modo mais denso e melhor que qualquer outro texto literário de qualquer época ou lugar. Na poética bíblica encontramos um equilíbrio entre expressões ingênuas e ousadas a um só tempo. Neste balanço, encontra-se a tremenda singularidade da Bíblia como obra literária sem abrir mão do aspecto teológico do texto bíblico como tal, qual seja, revelar de Deus aos homens.

MS Célia Dóris Becker, das Ciências da Comunicação da Unisinos. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da IHU On-Line, de 14-06-2005, disponível para *download* no sítio do IHU (<http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158262259.26word.doc>). (Nota da IHU On-Line)

Religiões do Mundo | De 10-08-2009 a 08-10-2009

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR



Debate midiático, Economia Política da Comunicação e Sociedade

POR VALÉRIO CRUZ BRITTOS*

Grupo de Pesquisa CEPOS passa a analisar semanalmente questões envolvendo a mídia na IHU On-Line.

Tendo a Economia Política da Comunicação como eixo teórico-metodológico, a Coluna do CEPOS vai apresentar e debater temas midiáticos, considerando sua centralidade nas sociedades contemporâneas.

A partir desta edição, o Grupo de Pesquisa Comunicação, Economia e Sociedade (CEPOS), que este pesquisador tem a honra de coordenar, passa a manter uma coluna semanal na IHU On-Line, redigida em forma de rodízio entre seus membros, notadamente os doutores, mestres e pós-graduandos. Pela possibilidade de diálogo das temáticas comunicacionais com um público amplo e qualificado que isso representa, trata-se de um momento privilegiado na trajetória do CEPOS, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), cuja área de concentração é Processos Midiáticos.

Inserido na linha de pesquisa Mídias e Processos Audiovisuais do PPGCC, o

Grupo atua academicamente desde 2002, tendo como eixo teórico-metodológico estruturador a Economia Política da Comunicação, com base na qual estabelece diálogo com subsídios conceituais diversos, para a conformação de caminhos explicativos. Voltado à pesquisa, ao ensino, ao desenvolvimento de produtos e ao fomento ao debate da comunicação contemporânea, em sua inserção na sociedade capitalista, o CEPOS identifica a comunicação como alavanca estratégica potencial para o desenvolvimento, enfaticamente nos planos locais. Com isso, renova-se o comprometimento das ciências com um marco societário mais justo, fraterno e solidário, marcado por relações de paz.

Este espaço na IHU On-Line sim-

* Professor titular no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenador do Grupo de Pesquisa CEPOS (apoiado pela Ford Foundation), doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Faculdade de Comunicação (FACOM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e vice-presidente da Unión Latina de Economía Política de la Información, la Comunicación y la Cultura (ULEPICC-Federación). E-mail: <val.bri@terra.com.br>.

boliza o avanço de uma relação de parceria e profundo respeito que o Grupo mantém pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, lócus que expressa com magnitude os compromissos maiores da Universidade, de sintonia com a pauta social, na perspectiva da excelência acadêmica. O CEPOS vem buscando ampliar substancialmente, com todos os públicos, a discussão da agenda midiática, acreditando que um novo patamar social passa pela comunicação e sua democratização. Nessa direção inserem-se dois eventos gratuitos deste coletivo, o Seminário de Pesquisa CEPOS, realizado anualmente, e o CEPOS Debates, com várias edições ao longo do ano.

Nesse sentido, o *Portal CEPOS* (www.grupocepos.net) hoje é um ambiente essencial no contato do Grupo com a sociedade em geral, em que não só são apresentados projetos de pesquisa, artigos acadêmicos, dissertações, teses e monografias de graduação, mas também uma síntese das principais notícias do momento sobre questões midiáticas, com atualização diária. Outro lugar do Grupo na internet, o *Observatório da Digitalização, Democracia e Diversidade* (www.grupocepos.net/oddd), constitui-se numa plataforma de permanente monitoramento dos processos digitais, no horizonte de abertura para as dinâmicas de inclusão.

Já o *CEPOS TV* (www.grupocepos.net) se dirige à exibição de conteúdos audiovisuais de cunho experimental ou passíveis de uso pedagógico, relativamente à comunicação. Assim, os materiais ali expostos devem atender a um desses três requisitos: serem produzidos por membros do CEPOS, realizados no âmbito de atividades acadêmicas coordenadas por seus membros ou, mesmo que de origem alheia, envolvam temas de co-

municação, digitalização e sociedade. Trata-se de uma construção que busca, acima de tudo, permitir o acesso a outras formas de fazer audiovisual, uma prioridade do Grupo, desafio que, na Unisinos, tem tido a parceria da Fundação Padre Urbano Thiesen - TV Unisinos e da Agência Experimental de Comunicação (Agexcom).

**“O Portal CEPOS
(www.grupocepos.net)
hoje é um ambiente
essencial no contato do
Grupo com a sociedade
em geral”**

Nesta e em suas demais iniciativas, conta com o apoio da Fundação Ford, que tem dado suporte às ações gene-

ralizadas do Grupo, viabilizando um conjunto de condições para reforçar a relação com a sociedade civil, no debate de questões comunicacionais, participação na construção de políticas públicas democráticas e desenvolvimento de experiências alternativas. Também é basilar a contribuição que recebe, para o desenvolvimento de projetos e implantação de bolsas, de agências como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Diante do exposto, e tendo em vista a complexificação das sociedades, onde o acesso à realidade, cada vez mais, é proporcionado pelos meios de comunicação, este espaço na *IHU On-Line* torna-se fundamental, incentivando a consciência crítica acerca da atuação das indústrias culturais. Neste quadro - sendo essencial a articulação mantida com diversas universidades e entidades científicas nacionais e internacionais, além do enorme respaldo da Unisinos, seus dirigentes e colegas -, renova-se o empenho na solidificação das Ciências da Comunicação, definindo-se novos cenários, com mídias que abriguem a diversidade dos pensamentos, identidades e projetos de mundo que circundam este país chamado Brasil.

**Curso de
Extensão na
Unisinos**

Fundamentos e Práticas de Jornalismo Político

Início: 16 de setembro

Professor: Bruno Lima Rocha.

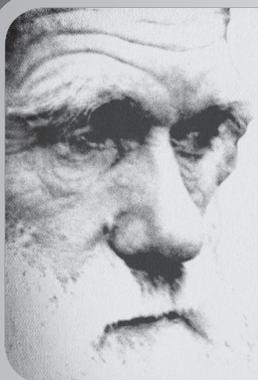
Professor de Comunicação da Unisinos. Doutor e Mestre em Ciência Política pela UFRGS

Fone (51) 3591-1122 ou pelo e-mail: RAQUELRUSCHEL@unisinos.br

Organização



**EM SETEMBRO, O INSTITUTO
HUMANITAS UNISINOS - IHU -
TRAZ DOIS GRANDES
SIMPÓSIOS INTERNACIONAIS.**



**ECOS DE DARWIN
9 A 12/9**

**NARRAR DEUS NUMA
SOCIEDADE PÓS-METAFÍSICA
14 A 17/9**

Informações e inscrições: www.unisinos.br/ihu



Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 04-08-2009 a 08-08-2009.

Belo Monte. A audiência do bispo e comitiva com Lula.

Entrevista com Célio Bermann

Confira nas Notícias do dia 04-08-2009

Como assessor técnico de Dom Erwin durante a reunião com o presidente Lula e seus assessores sobre a construção da hidrelétrica de Belo Monte, o professor pode finalmente expor as questões que comprovam que essa obra é ecologicamente e financeiramente inviável.

A Igreja e os homossexuais.

Entrevista com Luís Corrêa Lima

Confira nas Notícias do dia 05-08-2009

Na entrevista que o padre jesuíta professor da PUC-Rio nos concedeu, ele pode expor o seu pensamento com sólida fundamentação sobre a questão da diversidade sexual, principalmente no que se refere a relação entre a Igreja e os homossexuais.

“A crise foi uma benção para a China”.

Entrevista especial com Wladimir Pomar

Confira nas Notícias do dia 06-08-2009

Analista político, Pomar analisou, nesta entrevista, a China hoje, refletindo sobre sua economia de mercado

e os benefícios que a crise financeiro trouxe para o projeto de desenvolvimento do país.

Arquitetura ecológica: o Brasil ainda tem muito a aprender.

Entrevista com Erwin Rezelman

Confira nas Notícias do dia 07-08-2009

O presidente da SAP Brasil falou à **IHU On-Line** sobre a arquitetura ecológica e como o prédio da empresa de softwares foi construído aqui na Unisinos. Ele também falou da importância da certificação LEED.

Governo Yeda e os jovens procuradores.

Entrevista com Flávio Tavares

Confira nas Notícias do dia 08-08-2009

Ao analisar a situação política do RS, o jornalista diz que “o pior nisso tudo é o conluio, ou seja, todos unidos para a fraude e o roubo”.

Análise da Conjuntura

A Conjuntura da Semana está no ar. Confira no sítio do IHU - www.ihu.unisinos.br, de 5-8-2009.

A análise é elaborada, pelos colegas do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT - com sede em Curitiba, PR, em fina sintonia com o IHU

**Leia as Notícias
do Dia em
www.ihu.unisinos.br**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

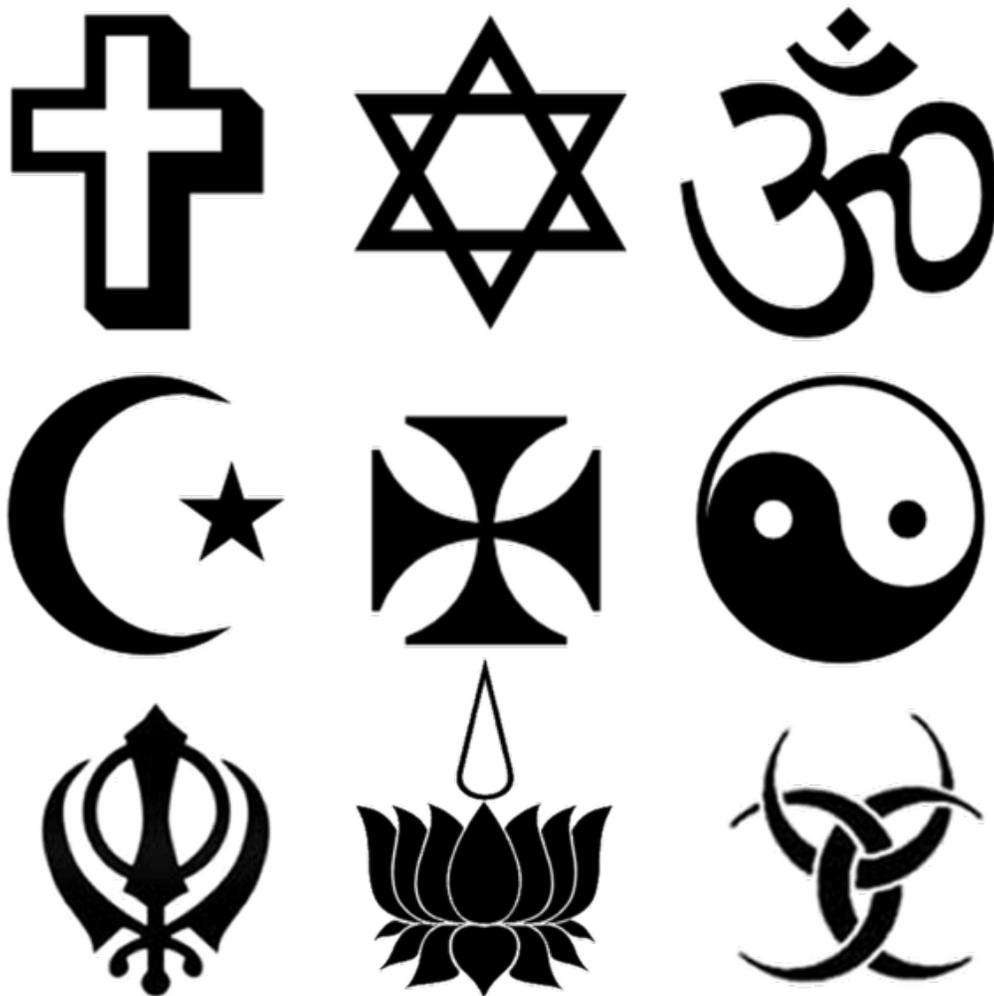
IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista

Religiões do Mundo



De 10-08-2009 a 08-10-2009

INFORMAÇÕES EM WWW.IHU.UNISINOS.BR

Eventos

Narrar Deus no horizonte do niilismo: a reviviscência do divino

Deus humano, demasiado humano, morre e possibilita que haja retorno da transcendência, sem a personalização anterior, acredita Paul Valadier. Relativismo pode ser compreendido como terreno para “exercício esclarecido e responsável de nossas liberdades”

POR MÁRCIA JUNGES | TRADUÇÃO BENNO DISCHINGER

Indubitavelmente, o horizonte do niilismo “mantém certo relativismo dos valores”, assinala o filósofo francês Paul Valadier. “Desde que for mal colocada a ideia de um fundamento objetivo, permanente e estável dos valores, a consequência será que nossos valores sejam flutuantes. Mas, não inexistentes”. E questiona: “Será, então, preciso alar-mar-se com um relativismo que pode ser o terreno de um exercício esclarecido e responsável de nossas liberdades?” Nietzsche anuncia a morte daquele Deus “demasiado humano, demasiado voltado ao homem, tendo perdido seu mistério e, por consequência, não crível como Deus”. Sua morte pode, inclusive, permitir uma “reviviscência do divino”. Outro aspecto discutido por Valadier é que, por sua essência, o ser humano não se contenta com dados finitos e limitados, e assim sua busca espiritual pode, em muitos momentos, se tornar em uma “vontade de crença”, e ainda em sectarismo, fundamentalismo e certezas falsificadas. “Tanto mais que o horizonte niilista desestabiliza as certezas adquiridas ou herdadas, e então fragiliza os indivíduos que acabam se agarrando em algo estável e seguro. Logo, no próprio interior do cristianismo a busca de um Deus tranquilizador e ofuscante não está próxima de extinção. Crer que se possa falar em nome da Verdade objetiva continua sendo uma doença típica dessas incertezas”. A respeito da crítica de Nietzsche ao cristianismo, afirma que ela “deve permitir ao cristão, não de se tornar nietzschiano, mas de entender a partir do interior de sua própria fé as advertências que lhe são concedidas para não a trair, desmentir, travestir, tornando-a menos aceitável”.

Valadier é professor de filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É licenciado em Filosofia pela Sorbonne, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Lyon. Foi redator da revista *Études* e é autor de uma vasta bibliografia. Sobre Nietzsche escreveu, entre outros livros, *Nietzsche et la critique du christianisme* (Paris: Cerf, 1974); *Essais sur la modernité, Nietzsche et Marx* (Paris: Cerf, 1974); *Nietzsche, l'athée de rigueur* (Paris: DDB, 1989); e *Nietzsche l'intempestif* (Paris: Beauchesne, 2000). Foi conferencista no Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?, com as conferências A moral após o individualismo e O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo. A esse respeito, confira o artigo *O futuro da autonomia do indivíduo, política e niilismo: leitura filosófica e teológica*, publicado na coletânea *O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos* (Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Leopoldo: Unisinos, 2009). Neste dia 13-08-2009, na Sala 1G119, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, ele profere a conferência Narrar Deus no horizonte do niilismo, pré-evento do X Simpósio Internacional IHU: Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e impossibilidades. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como é possível narrar Deus no horizonte do niilismo?

Paul Valadier - O horizonte do niilismo, pelo menos quando se segue a reflexão de Nietzsche a esse respeito, é o da perda de um sentido unificador referente ao destino do mundo (“finalidade moral do mundo” ou da história) ou a recusa do conceito de Providência (mundo ordenado à salvação, seja esta uma salvação religiosa ou política). Disso decorre a crítica de um Deus uno, providente, bom e totalmente voltado ao homem, de quem esse Deus garante a salvação ou o cuidado benevolente. Esta crítica de um Deus pessoal conduz a celebrar a tese da morte de Deus: mas, o Deus que morre é o Deus cristão, demasiado humano, demasiado voltado ao homem, tendo perdido seu mistério e, por consequência, não crível como Deus. Esta morte deveria permitir a “reviviscência do divino”, que esse Deus personalizado e demasiado humano desfazia. Quando se aceita este diagnóstico, pode-se admitir, então, que todo discurso sobre Deus que abismaria o sentido do divino por uma concepção demasiado humana e enfraquecida de Deus, entreteria, sem realmente sabê-lo, o niilismo ambiental, isto é, alimentaria a suspeita sobre um Deus demasiado benevolente.

IHU On-Line - Como entender a crescente demanda por transcendência no Ocidente e simultaneamente a morte de Deus anunciada por Nietzsche?

Paul Valadier - Nietzsche permite novamente compreender que o “animal-humano”, como ele diz, não pode não se interrogar sobre si mesmo e sobre o mundo. Ou antes, não importa que sentido haja ou que falta total de sentido, lê-se no final de *A genealogia da moral*. Essa sede inextinguível está próxima da idéia hegeliana da negatividade, em ação neste ente finito que é o homem. Este jamais pode contentar-se com nenhum dado finito e limitado. Por sua própria essência, ele não pode deixar de se interrogar e então sua dignidade se situa em sua busca do

que está além de todo limite e que não se deixa domesticar por nenhuma aproximação possessiva. Disso resulta, em nossos dias, todo tipo de buscas espirituais frequentemente selvagens, ou exploradas por gurus, porque a consumação ou o gozo, por mais importantes que sejam, não podem satisfazer o corpo e o espírito.

IHU On-Line - Ainda persiste o Deus moral obsessivo que Nietzsche combatia, ou a visão de Deus é hoje mais “soft”, fragmentada, enfraquecida?

Paul Valadier - Bem entendido, essa busca espiritual pode se franzir em

“A crítica de Nietzsche deve permitir ao cristão, não se tornar nietzschiano, mas entender a partir do interior de sua própria fé as advertências que lhe são concedidas para não a trair, desmentir, travestir, tornando-a menos aceitável”

“vontades de crença”, no sectarismo, no fundamentalismo, em certezas falsificadas. Tanto mais que o horizonte niilista desestabiliza as certezas adquiridas ou herdadas, e então fragiliza os indivíduos que acabam se agarrando em algo estável e seguro. Logo, no próprio interior do cristianismo a busca de um Deus tranquilizador e ofuscante não está próxima de extinção. Crer que se possa falar em nome da Verdade objetiva continua sendo uma doença típica dessas incertezas. E então, não se pode

imaginar que essas tendências idolátricas tão ligadas ao próprio homem (ver o Antigo Testamento) vão se enfrentar. Essa seria, aliás, uma das ilusões do homem moderno: crer-se enfim liberado de suas tendências e de seus preconceitos.

IHU On-Line - Em que medida a crítica de Nietzsche ao cristianismo pode “purificá-lo” dos excessos desse Deus obsessivo que é muitas vezes referido na Igreja?

Paul Valadier - A crítica de Nietzsche deve permitir ao cristão, não se tornar nietzschiano, mas entender a partir do interior de sua própria fé as advertências que lhe são concedidas para não a trair, desmentir, travestir, tornando-a menos aceitável. O que queremos quando nós queremos, ou desejamos crer num Deus bom? Pergunta que é preciso se fazer permanentemente, bem como em todas as nossas relações sociais: temos nós uma atitude de escravo dependente, ou de nobreza capaz de distinção?

IHU On-Line - Em que medida podemos relacionar a morte de Deus e o niilismo com o relativismo atual dos valores e como este relativismo influencia na ação do sujeito e em sua autonomia?

Paul Valadier - É claro, enfim, que o horizonte do niilismo mantém certo relativismo dos valores. Desde que for mal colocada a ideia de um fundamento objetivo, permanente e estável dos valores, a consequência será que nossos valores sejam flutuantes. Mas, não inexistentes. Entendemos sempre que precisamos querer a justiça, a solidariedade, o perdão, antes que a injustiça, o individualismo ou a vingança. Mas, por que gestos concretos passam estas exigências? Não sendo a resposta dada por antecipação, cabe a nossas liberdades discernir o que exige a situação dada em favor de uma resposta sensata, porém totalmente provisória. Será, então, preciso alarmar-se com um relativismo que pode ser o terreno de um exercício esclarecido e responsável de nossas liberdades?

IHU Repórter

Mario Fleig

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

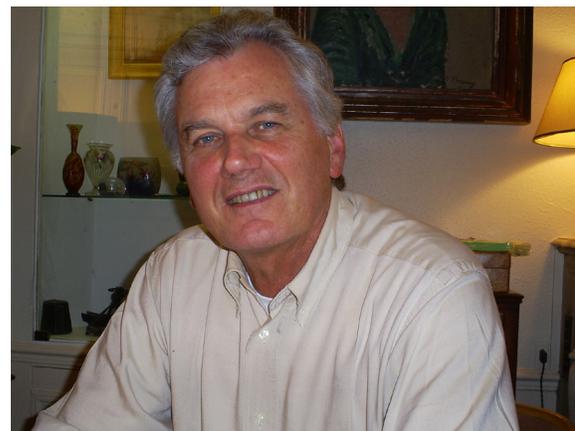
A interface entre a Filosofia e a Psicanálise é algo que perpassa a vida do professor e pesquisador da Unisinos, Mario Fleig. Morando em Porto Alegre com sua esposa Conceição Fleig, ele é muito grato a tudo o que os jesuítas lhe ensinaram e deram de bagagem. Da mesma forma, Fleig sabe agradecer por tudo o que aprendeu com seus alunos e com as pessoas que o procuraram, pedindo ajuda na área da psicanálise. Leia, na entrevista a seguir, concedida à IHU On-Line, os pontos mais marcantes da trajetória pessoal do professor Mario Fleig, que é um dos responsáveis pelo Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?, que acontece esta semana na Unisinos. Confira.

Origens - Sou natural de Santa Maria. Somos oito filhos. Eu sou o sétimo. Formamos uma família antiga, numerosa. Meu pai veio da Floresta Negra, Alemanha, para o Brasil em 1930, e minha mãe é originária de Hamburgo Velho. Tive uma educação católica. Meus pais e meus irmãos mais velhos me ensinaram tudo na vida. Aprendi muito com meu pai. Ele era mestre de obras, construtor, e me ensinou algo muito importante. Quando eu fiz minha escolha de vida, na adolescência, ele me fez uma pergunta: “É isso mesmo o que você quer?”. Quando eu disse que sim, ele respondeu “Então, está bem”. Ao passo que minha mãe sempre viu um futuro negro, com uma visão pessimista e temerosa do futuro. Mas isso tem uma explicação. Quando minha mãe era menina (ela nasceu em 1912), os pais dela, meus avós maternos, viajaram para a Alemanha. E ela ficou aqui com os parentes. Quando meus avós estavam lá estourou a Primeira Guerra Mundial. Então minha mãe é marcada por isso. As guerras são marcantes na minha família.

Escolha de vida - Na adolescência eu tive que fazer uma escolha. Na minha família havia um traço, de empreendedores, especificamente no campo da mecânica, por isso eu pensava em fazer

Engenharia Mecânica. Mas havia outro lado, que era o de trabalhar com pessoas. Eu fiz a segunda escolha e fui estudar com os jesuítas. É a eles que devo a minha formação básica. Cursei o científico no seminário em Florianópolis, depois cursei Filosofia e uma parte da Teologia. Foi quando abandonei esse caminho na Companhia de Jesus, mas devo a eles toda a minha base de formação, que é o que fica para toda a vida.

Formação - Comecei meus estudos em uma escola particular, dos maristas, em Santa Maria, mas como eu não estava me sentindo muito bem naquele lugar, fui para o colégio estadual da cidade. E foi muito interessante, porque era uma escola mais aberta e naquela época as instituições de ensino estaduais tinham um nível idêntico, às vezes, até superior às escolas particulares. O ensino público era muito forte. Depois ingressei no Colégio Catarinense, em Florianópolis, onde concluí o científico. Em seguida, passei no vestibular para Filosofia na UFRGS, mas naquela época o curso lá havia sofrido muito com as cassações de alguns professores e, em vista disso, resolvi fazer Filosofia na Faculdade Nossa Senhora Medianeira, em São Paulo. Cursei três anos da faculdade de Teologia, na Faculdade de Teologia Cristo Rei, já



aqui em São Leopoldo, que era ligada à Unisinos. Parei o curso e resolvi dar continuidade à minha escolha inicial, de trabalhar com pessoas. Formei-me em Psicologia na Unisinos e iniciei meu processo de contraponto à Filosofia em meu trabalho como psicólogo e depois como psicanalista. Hoje trabalho nessa interface entre Filosofia e Psicanálise. Nesse meio tempo, dei continuidade aos meus estudos em Filosofia. Fiz o mestrado em Filosofia na UFRGS, orientado pelo professor Ernildo Stein, e posteriormente continuei sob a orientação dele, na PUC-RS, no doutorado em Filosofia.

Instituições de referência - Depois de um tempo no trabalho com a psicanálise, me liguei à Associação Lacaniana Internacional, que é minha instituição de referência. Muito tempo depois, mais recentemente, com outros colegas, fundamos a Escola de Estudos Psicanalíticos. Na Unisinos, coordeno o Laboratório de Filosofia e Psicanálise, que promove pesquisa e discussão sobre essa interface entre Filosofia e Psicanálise, desde 2000.

Carreira de professor e pesquisador - Iniciei minha atividade de professor de Filosofia nas escolas de ensino médio, em São Leopoldo e Porto Alegre. Fui por vários anos professor do Estado. Sou muito



>> LUGAR ONDE MARIO GOSTA DE CAMINHAR E NADAR COM A ESPOSA

devedor ao início do meu trabalho como professor, às escolas que me acolheram. Lembro com muito carinho meus alunos da Escola Estadual de Sapiranga, assim como os meus alunos do Colégio São José, aqui de São Leopoldo, e do Colégio Anchieta, de Porto Alegre. Um belo dia, fui convidado a substituir a professora Sílvia Hoppe, que na época estava muito ocupada com a parte jurídica da Unisinos. Solicitaram-me que lecionasse a disciplina Introdução à Filosofia aqui na Universidade, em abril de 1977. Posteriormente, fui assumindo outras disciplinas. Paralelamente, formulava projetos de pesquisa. E alguns deles acabaram resultando em cursos de especialização. Atualmente, minha pesquisa se centra no tema da interpretação que Heidegger faz de Aristóteles.

Psicanálise - Há um trabalho para mim que é apaixonante, ao lado da pesquisa e da Filosofia, que é o trabalho como psicanalista. Tenho uma paixão pelo trabalho prático e manual, que seria o lado da mecânica, que herdo da minha família, mas sou igualmente apaixonado pelo trabalho com as pessoas. Gosto de analisar as particularidades e o universo de cada um de nós, sempre tão surpreendente.

Colóquio A Ética da Psicanálise - A origem deste colóquio foi uma conversa com o professor e padre William Richardson.¹ Debateremos

¹ William Richardson: jesuíta, mestre em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia de Louvain, na Bélgica. Ao longo de sua trajetória acadêmica recebeu diversos prêmios e reconhecimentos, entre eles o Cardinal Mercier Prize in Philosophy, da Universidade de Louvain, o Pós-doctoral Fellow,

uma questão da ética na psicanálise, que é “como é possível que alguém seja responsável - e este ponto é importante, pois toda a ética é de responsabilizar alguém por seus atos - se a pessoa não tem conhecimento do que está fazendo?”. É isso o que Freud propõe, e Lacan também. Essa é a questão de fundo da ética, a partir da descoberta da formulação de Freud de que há um inconsciente. E como alguém pode ser responsável também pelo seu inconsciente? Esse é um paradoxo da ética proposta por Freud.

Família - Tive um primeiro casamento, do qual nasceram três filhos. São dois rapazes e uma moça e já estão encaminhados na vida. O Gabriel, mais velho, é formado em Administração, trabalha em uma empresa e está voltado mais para a área de marketing, atualmente. O Eduardo se formou em Biologia e atualmente faz o doutorado nessa área. E a Rafaela se formou em Nutrição, e exerce essa atividade. Encontrei na minha vida uma pessoa muito importante, que é minha companheira de lazer, de vida, de trabalho: a Conceição. Ela tem um filho, o Caio, uma pessoa muito especial para mim. Eles fazem minha vida muito feliz e maravilhosa.

Autor - Guimarães Rosa.

Livro - Grande Sertão: Veredas.

Filme - Fale com ela, de Almodóvar.

Lazer - Gosto muito de caminhar, nadar e cuidar das minhas plantas.

Um sonho - Construir um Brasil mais habitável no meu cotidiano, menos violento. E que nesse cotidiano possa se preservar o convívio com as diferenças. Meu sonho é poder resgatar o que já tivemos e está se degradando.

da Society for Values in Higher Education, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

O ser humano - Eu tenho muita fé no potencial daquilo que cada ser humano tem de original e surpreendente. Acredito que, para além do mal, além do ódio e da crueldade que habita em cada um de nós, há esse potencial de querer mais e melhor.

Política brasileira - Eu escrevi um livro que me moveu, em parte, no sentido de contribuir com algo para a nossa vida em comum. Chama-se *O desejo perverso*. O desejo é o que nos move, mas se ele não tiver certas restrições, pode ser mortífero, destruidor. É nisso que eu aposto, que é possível ter uma vida em comum melhor. E essa seria a perspectiva da política. Nós nunca teríamos uma vida em comum isenta, sem o mal. O mal nos ronda. É preciso saber o que fazer com ele, como contê-lo. É isso o que a política precisa: um mecanismo para conter o mal, o que extrapola e destrói a vida em comum. O que se vê com frequência, como a corrupção, o abuso, a arbitrariedade são coisas que precisam de limites. Eu não desespero da vida política. Alguém poderia dizer que não há saída para ela. Mas penso que temos de lutar, mesmo que voltem a ter políticos maus, que não honram o voto que receberam.

Unisinos - Um local onde, mesmo sendo um ambiente de trabalho, me sinto em casa. A Unisinos sempre foi algo absolutamente importante. Sempre me sinto nela muito estimulado ao trabalho e muito gratificado. Eu não me imagino ter que renunciar ou abrir mão da Unisinos.

IHU - Sempre me senti muito convocado a trabalhar junto com o IHU, pela perspectiva que ele mantém, de uma abertura para a diversidade de temáticas, de estar atento aos temas emergentes e atuais, inclusive os considerados “intocáveis”. O IHU mostra uma abertura que raramente se encontra em outras instituições. A Unisinos está de parabéns por poder contar com o IHU.

Destques

O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos?

Fruto do Simpósio Internacional **O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos?**, realizado na Unisinos de 21 a 24 de maio de 2007, acaba de ser lançado o livro **O futuro da autonomia: uma sociedade de indivíduos?** (Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009). A coletânea das ideias de vários dos conferencistas do evento é organizada pelos pesquisadores Inácio Neutzling (IHU), Maria Clara Bingemer (PUC-Rio) e Eliana Yunes (PUC-Rio). Podem ser lidos os textos de **Affonso Romano de Sant'Anna, Benilton Bezerra Jr., Charles Melman, Jean-Claude Monod, Paul Valadier, Robert Castel e Santiago Zabala**. Uma leitura instigante e que nos convida a refletir sobre os rumos que tomamos enquanto sociedade. A obra pode ser adquirida na Editora Unisinos por R\$ 17,00.

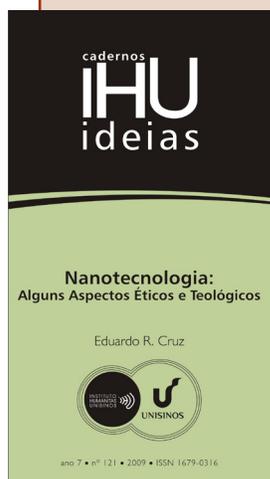


Narrar Deus no horizonte do niilismo

Na próxima quinta-feira, dia 13 de agosto, estará na Unisinos o filósofo francês **Paul Valadier**. Ele proferirá a conferência *Narrar Deus no horizonte do niilismo*. A palestra, uma promoção do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, constitui-se num pré-evento do X Simpósio Internacional IHU: **Narrar Deus numa sociedade pós-metafísica. Possibilidades e Impossibilidades**. O simpósio realizar-se-á nos dias 14 a 17 de setembro. Para a conferência do dia 13 de agosto, as vagas são limitadas. Por sua vez, as inscrições para o Simpósio Internacional estão abertas. Para se inscrever, usufruindo de um bom desconto, entre no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br).

Nanotecnologia, Ética e Teologia

Nanotecnologia: Alguns Aspectos Éticos e Teológicos é o tema dos **Cadernos IHU Ideias** nº 121, que acaba de ser lançado. O autor **Eduardo R. Cruz** é físico e teólogo, graduado pela USP e pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora Assunção. Doutor em Teologia Sistemática pela Lutheran School of Theology/The University of Chicago, é professor titular na PUCSP. A versão eletrônica estará disponível no sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) a partir do dia 05-09-2009. A edição impressa da publicação pode ser adquirida na Livraria Cultural e/ou pelo endereço livrariaculturalsle@terra.com.br



Apoio:

